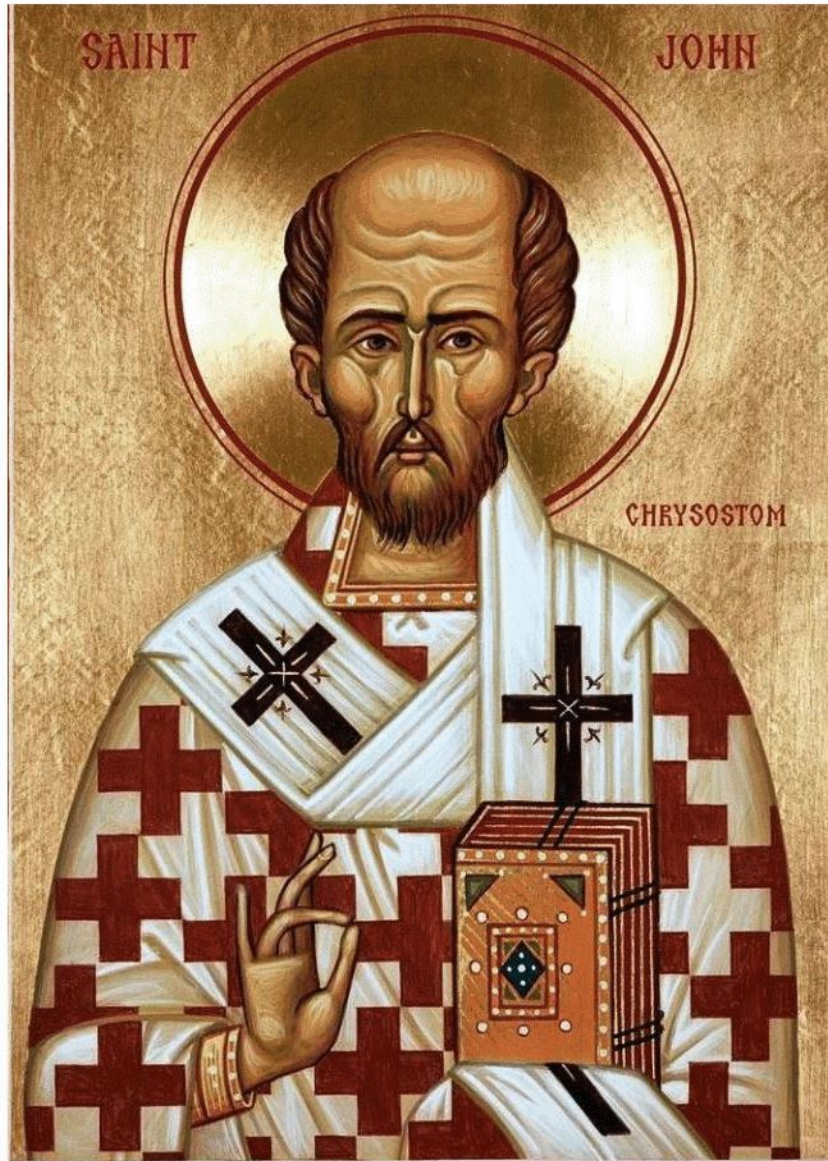


SÃO JOÃO CRISÓSTOMO



DA PROVIDÊNCIA
DE DEUS

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

pinterest

Texto extraído do Vol. 23, «SÃO JOÃO CRISÓSTOMO»,
da colecção "Patrística", editada por "PAULOS"

DA PROVIDÊNCIA DE DEUS

INTRODUÇÃO

1. Os médicos, ao cuidarem de febricitantes ou de outras espécies de doentes, em primeiro lugar procuram visitar os pacientes, porque de longe não os atingiriam de acordo com suas próprias possibilidades. Tal a arte, tal a natureza das moléstias.
2. Nós, em vez disso, que nos dedicamos a curar não apenas a este ou àquele doente, mas a todos os que no mundo suportaram escândalos, de nada disso precisamos. Com efeito, não exigimos visitas em domicílio, nem saber onde estão acamados; nem mesmo procuramos ver os enfermiços. Não manipulamos tais instrumentos. Não ocasionamos despesas, ordenando aos enfermos que adquiram remédios.
3. Entretanto, até mesmo a desconhecidos, a habitantes nos confins da terra ou no meio de bárbaros, ou ainda a prostrados em extrema miséria, ou a pobres a ponto de faltar-lhes o indispensável à subsistência, nada disso nos impede de dar-lhes tratamento. Curamos a doença, apesar de morarmos em determinado lugar, estarmos desprevenidos de instrumentos e remédios, de comida, bebida e dinheiro, e sem prolongada ausência de casa.
4. Como? Quais os meios empregados? Preparando o remédio da palavra. Ela constitui tudo isso para os doentes e é preferível aos mencionados socorros. Nutre mais que o pão, restaura melhor que os remédios, cauteriza de forma indolor mais intensamente que o fogo, causando o refluxo da torrente fétida dos raciocínios perversos; mais afiada que o ferro, amputa de forma indolor as partes afetadas, e isso sem acarretar despesa alguma nem aumentar a pobreza. Tendo preparado tal poção, nós a expedimos para todos, e todos, eu o sei, tirarão proveito do tratamento, contanto que acolham com atenção e boa vontade as nossas palavras.

CAPÍTULO 1

1. Visto que, relativamente ao corpo, em geral o diagnóstico da moléstia não constitui para o paciente auxílio insignificante, e sim importante meio de se livrar da doença (pois, conhecida a causa, não apenas poderá curar-se da moléstia que o ataca, como não recairá, visto que sabe qual o motivo de ter uma vez caído doente, e acautela-se), vejamos também nós: expliquemos inicialmente aos que passam por tais sofrimentos donde se lhes originou o mal do escândalo.
2. De fato, se o conhecem e querem cuidadosamente preservar-se, não o contraem; evitam-no, bem como a muitos outros incômodos, não só agora como sempre. Este remédio é terapêutico no momento atual e preservativo de males futuros.
3. Existem muitos e não apenas um, dois ou três motivos de escândalo para os mais fracos na vida presente. Nossa palavra pretende livrar os atingidos por esses males, contanto que ao menos – conforme assegurei acima – queiram aprender e observar o que foi proferido.

4. Faço a poção, haurindo não somente das Sagradas Escrituras, mas também dos acontecimentos que sem cessar ocorrem na vida presente, de tal sorte que, mesmo para os que não meditam as Escrituras, sirva de corretivo comum, contanto que o queiram aceitar.

5. Pois, não cessarei de repetir: impossível é impor esse tratamento por força e coação, quando o doente acaso se opõe e não aceita os ensinamentos divinos. Com efeito, a cura vem desses ensinamentos, e bem mais deles que da comprovação dos acontecimentos.

6. Temos de crer que a revelação de Deus é mais fidedigna que as coisas visíveis. Aliás, castigo mais severo aguarda os que não querem se corrigir, porque, apesar de terem recebido as Escrituras, delas não tiram proveito algum. Desta forma, a fim de não sofrerem tal castigo, vamos, comecemos a corrigi-los, explicando-lhes primeiro a causa desta doença.

CAPÍTULO 2

1. Qual a causa de tão grande mal? Consiste na opinião indiscreta e curiosa de querer saber a causa de todos os acontecimentos, disputar com a incompreensível e inefável providência de Deus, ilimitada e insondável, e de não ter vergonha de tornar-se curioso e indiscreto.

2. De fato, quem mais sábio do que Paulo? Dize-me, não era ele um vaso de eleição?¹ Não aspirou a graça abundante e inefável do Espírito? Não tinha em si o Cristo a falar? Deus não o fizera partícipe de palavras inexprimíveis? Não foi o único a ouvir o que não é lícito a homem algum proferir? Não foi raptado ao paraíso e elevado ao terceiro céu?

3. Não atravessou terra e mar? Não persuadiu bárbaros a se tornarem cristãos? Não possuía poderes numerosos e multiformes do Espírito? Não estabeleceu ordem em povos inteiros e cidades? Não confiou Deus a suas mãos a terra inteira? Entretanto, esse homem de tamanha grandeza e de tais qualidades, tão sábio, poderoso, espiritual e que usufruiu de tais privilégios, ao meditar na providência de Deus, não globalmente, mas apenas sob um de seus aspectos... escuta como fica estupefato, tomado de vertigens, como depressa recua, apartando-se do que é incompreensível.

4. Ora, eis o que diz, sem pesquisar como Deus providencia sobre anjos e arcanjos, querubins, serafins e outras potências invisíveis, nem como sustenta o sol, a lua, o céu, a terra, o mar, nem como vela por todo o gênero humano e os seres irracionais, as plantas, as sementes, as ervas, os ares, os ventos, as fontes, os rios, nem como cuida de seu nascimento, seu crescimento, sua subsistência de acordo com a natureza, nem de outras coisas semelhantes, (5) mas detém-se num só aspecto de sua providência, o referente a judeus e gregos; sobre esses pontos faz um discurso inteiro, expondo ter Deus chamado os gentios e rejeitado os judeus, mas depois, por piedade, haver operado a salvação de ambos.

6. Após ter vislumbrado, neste ponto, abrir-se um ocea-no imenso e ter querido sondar o abismo desta providência, tomado de certa vertigem diante da impossibilidade de explicar seus planos, cheio de admiração e de espanto diante da inefável, infinita, indizível e incompreensível sabedoria e providência de Deus, ele recuou, estupefato, deixando escapar esta exclamação: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!”²

7. Em seguida, mostrando que viu sua profundidade, mas não pôde medi-la, acrescenta: “Como são insondáveis seus juízos e imperscrutáveis seus caminhos!”.³ Não disse apenas: *incompreensíveis*, mas: *insondáveis seus juízos*. De fato, não somente é impossível compreendê-los, como até começar a expô-los, de sorte que não só é impossível chegar ao termo final, como até mesmo investigar o início de seus desígnios.

8. Tendo dito: “Como são insondáveis seus juízos e imperscrutáveis seus caminhos!”, admirado e estupefato, encerra o discurso com uma doxologia, assim introduzida: “Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor, ou quem se tornou seu conselheiro? Quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos. Amém”.⁴

9. Significa o seguinte: ele é a fonte, é a causa de todos os bens, não precisa de partilha alguma, de nenhum conselheiro; não recebe de empréstimo conhecimento ou inteligência para atuar e realizar maravilhas; ele próprio é o começo, a causa, a fonte de todos os bens, ele próprio é o criador, que chamou à existência o que não era e ele próprio governa, dispõe em ordem e conserva os seres que chamou à existência segundo sua vontade.

10. “Tudo é dele, por ele e para ele”⁵ – palavras de quem indica ser Deus a causa dos seres, o criador, o dominador, o sustentador da coexistência dos entes todos. Assim ainda, lembrado do dom recebido, exclama Paulo em outra passagem: “Graças sejam tributadas a Deus por seu dom inefável!”.⁶ E não apenas declara que vai além de toda palavra e supera qualquer descrição a paz que nos foi dada, mas igualmente que ultrapassa toda compreensão. Por isso ele diz: “A paz de Deus, que excede toda compreensão, guardará vossos corações”.⁷

11. Sendo, portanto, ilimitado o abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus, insondáveis os seus juízos, imperscrutáveis os seus caminhos, inefável o seu dom, e excedendo sua paz toda compreensão: a minha, a tua, a de qualquer um e não somente a de Pedro ou de Paulo, mas ainda a dos próprios Arcanjos e Potestades do alto, diga-me que desculpas terás, qual permissão de agir com tanta loucura e estultice que procures compreender o que é imperscrutável e pedir satisfação de alguma manifestação da providência de Deus?

12. Ora, se Paulo, possuidor de tão grande conhecimento das coisas de Deus, confiante com inefável certeza, cumulado de tais dons, recua e extasia-se ao buscar compreender, porém não consegue descobrir, nem mesmo tenta explicar a origem dos desígnios divinos (coisa impossível!), não seria o maior dos infelizes e atingido da pior loucura aquele que segue o caminho oposto?

13. Paulo, contudo, não se detém neste ponto; no entanto, ao escrever aos coríntios acerca desse conhecimento, assevera que, apesar de termos aprendido muito, temos, contudo, conhecimento limitado e reduzido. Exprime-se mais ou menos nos seguintes termos: “Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber”.⁸ Depois, declara que nosso conhecimento muito deixa a desejar, que a maior parte está reservada para o futuro e agora nos é concedida somente uma parcela reduzida; e acrescenta: “Pois nosso conhecimento é limitado e limitada nossa profecia. Mas, quando

vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá”.⁹

14. Paulo não fica nisso: querendo revelar qual a distância entre o conhecimento terreno e o do alto, e restar ainda muito, Paulo destaca-o por meio de determinadas imagens: “Quando eu era criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, fiz desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois veremos face a face”.¹⁰

15. Vês a diferença? É a que existe entre uma criancinha e um adulto, entre a visão das coisas num espelho e em enigma ou outra maneira obscura de ver a realidade (em comparação com a visão clara; tal o sentido da expressão *face a face*). Por que então essa loucura e essa raiva de defrontar ao acaso e em vão as coisas proibidas? Por que não obedecer a Paulo, que diz: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Vai acaso a argila dizer ao artífice que a plasmou: ‘Por que me fizeste assim?’”.¹¹

16. Vês que docilidade exige? Que silêncio? Não é certamente para suprimir nosso livre arbítrio que assim se expressa. Tal não aconteça! Porém, quer acentuar que há de se calar quem se dá a tal procura, conforme é natural à argila prestar-se à modelagem do artífice sem resistência ou ingerência. Visa lembrar-nos nossa natureza ao mencionar a argila e o oleiro. Ora, argila e oleiro realmente estão em idêntica condição.

17. Se, porém, em idêntica natureza a docilidade deve ser igual, quando a diferença é infinita em relação ao ser, ao conhecimento e a todo o restante, que indulgência obterá o ousado e impudente que fizer perguntas indiscretas por causa das determinações de Deus que o criou? Pensa, ó homem, quem és tu! Isso mesmo assinalam as palavras: “Quem és tu?”. Não és argila? Não és cinza e escória? Não és pó? Não és fumaça? Não és erva? Não és flor da erva?

18. Os profetas empregam continuamente todas essas imagens, rivalizando entre si para nos apresentar a insignificância de nossa natureza. Aquele, contudo, que sujeitas à tua curiosidade indiscreta é imortal, imutável, sempre existente, inalterável, sem começo, infinito, incompreensível; supera a inteligência, desafia o raciocínio, é inexprimível, indizível, inacessível não somente a mim e a ti, aos profetas e apóstolos, mas também às Potestades do alto, embora puras, invisíveis, incorpóreas e habitantes perpétuas do céu.

CAPÍTULO 3

1. Se vires serafins voarem em torno desse trono elevado e sublime, protegendo os olhos com as asas, velando os pés, o dorso e o rosto e exclamando cheios de espanto, não creias terem eles penas, pés, asas, (2) pois essas potestades são invisíveis, mas, através dessas imagens, reflete na inacessibilidade, na incompreensibilidade do que está sentado no trono. Na verdade, para aquelas também ele é incompreensível, inacessível, embora use de condescendência; pois ele não é tal como então aparecia. Efetivamente, Deus não se assenta, não usa trono, não está circunscrito a um lugar.

3. Mesmo se estivesse sentado a reinar do trono, cercado por aquelas potestades (seria sinal de condescendência; de fato não se acha sentado), elas não poderiam vê-lo. Por não suportarem a

irradiação da luz fulgurante, protegiam os olhos, cobrindo-os com as asas e apenas glorificavam, cantavam, fazendo ecoar, com estremecimento sagrado, o misterioso canto a exaltar sua santidade.

4. E tu, não irias esconder-te, não te meterias num buraco, tu que, com tal audácia querias perscrutar a providência de um Deus cujo poder é indizível, inexprimível, incompreensível às potestades do alto?

5. Tudo o que lhe é referente só é conhecido de modo completo pelo Filho e pelo Espírito Santo, e por mais ninguém. O evangelista João manifestou uma dessas verdades; a outra, o apóstolo Paulo. O Filho do trovão,¹² porém, o discípulo amado com predileção por Cristo¹³ (assim era designado), que demonstrava grande virtude e usufruía de tal confiança, que podia reclinar-se sobre o peito de Cristo, assim se exprime: “Ninguém jamais viu a Deus”. Visão aqui significa o conhecimento.

6. “O Filho unigênito, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer”.¹⁴ O próprio Cristo, com efeito, manifestou-o outrora ao discursar para o povo hebreu: “Não que alguém tenha visto o Pai: só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai.”¹⁵

7. O vaso de eleição, no intuito de expor os desígnios de Deus, e querendo falar de todos os segredos que captou e como os conheceu, exprime-se nesse termos: “Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu. (8) Se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito, o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”.¹⁶ Como, pois, nós o conhecemos, Paulo? Quem no-lo revelou, quem tornou claras essas coisas impossíveis de serem vistas, ouvidas, e percebidas pelo coração do homem?

9. Dize-nos, aponta-nos quem nos concedeu conhecimento tão admirável. “A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito”.¹⁷ Mas, a fim de que não se julgue que o Espírito sabe apenas o que Deus nos revelou por meio dele e não possui todo o poder de conhecer, adita: “Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”.¹⁸ O sentido de suas palavras é o seguinte: da mesma forma que o homem conhece o que lhe toca, o que quer, o que tem em mente e com toda a exatidão, igualmente o Espírito possui com apuro o inexprimível conhecimento de Deus.

10. Ao dizer, portanto: “O que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”, exclui deste conhecimento preciso não apenas os homens, como também todas as criaturas superiores. Daí os sábios conselhos: “Não procures o que é muito difícil para ti, não investigues o que vai além de tuas forças. Aplica-te àquilo que te é acessível, pois foi mostrado a ti mais do que o homem pode compreender”.¹⁹

11. Eis o sentido dessas palavras: não aprendeste por ti mesmo aquilo que compreendes, nem a natureza te bastou para conheceres todas as coisas; do alto recebeste o conhecimento da maior parte

dos seres, pois é vasto demais para que o apreendas pela inteligência. Por que então pretendes perscrutar por ti mesmo coisas excessivamente profundas, quando a maior parte de teus conhecimentos, recebida de outrem, ultrapassam tua faculdade de raciocínio?

12. É o que Paulo queria dar a entender, nesses termos: “Que é que possúis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?”.²⁰ Renuncia, portanto, afinal a este gosto pela contradição e aceita o conselho muito sábio: “Não é preciso dizer: ‘O que é isto? Por que aquilo? Porque tudo foi criado para uma finalidade’ ”.²¹

CAPÍTULO 4

1. Por esse motivo, quando a criação inteira começou a existir e foi ornada com peculiar beleza, quando surgiu esta obra cheia de harmonia e maravilha que provoca enorme admiração, enquanto muitos insensatos e loucos se dispunham a atacar a criação, vê como o legislador, refutando previamente o juízo despropositado, a opinião louca deles, reprimiu com uma palavra as línguas despudoradas, dizendo: “Deus viu tudo o que tinha feito; e era muito bom”.²²

2. Uma vez, portanto, que entre as coisas visíveis havia luz e também sombra, frutos e também espinhos, árvores cultivadas e igualmente silvestres, planícies extensas e montanhas, vales e sorvedouros, não apenas homens como também répteis venenosos, não somente peixes como também monstros marinhos, não só ondas tranqüilas, porém mar refratário à navegação, (3) sol, lua e estrelas, raios e tempestades, ventos favoráveis e também impetuosos, não somente pombas e pássaros canoros, mas ainda milhafres e falcões e animais devoradores de homens, não somente carneiros e bois, mas lobos, leopardos e leões, não exclusivamente cervos, lebres e ouriços, mas ainda escorpiões, víboras e serpentes; e entre as ervas, não somente plantas medicinais, mas também deletérias, muitos haveriam de se escandalizar e criar heresias.

4. Quando as coisas criadas chegaram à existência e cada qual foi dotada de beleza peculiar, ele nos mostra o criador a fazer o elogio da criação, ou melhor, de cada coisa, uma após a outra e de todas juntas, a fim de que ninguém, por mais ousado e impudente que seja, conhecendo o juízo emitido sobre elas, perca tempo doravante em perscrutar o restante das realidades visíveis.

5. Por isso, depois de ter declarado que a luz apareceu, ele acrescenta: “E Deus viu que a luz era boa”,²³ e o mesmo faz relativamente a cada ser. Em seguida, a fim de não prolongar o discurso chamando pelo nome todos os seres, com uma palavra externa seu parecer sobre todos simultaneamente, repetindo: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”.²⁴

6. Não está a afirmar que Deus só conheceu a beleza das coisas criadas após terem adquirido existência. Absolutamente. Pois, se o artista, simples homem, antes de executar uma obra, percebe a beleza do que vai produzir, com maior razão a sabedoria inefável que chamou à existência todos os seres por efeito somente de sua vontade, conhecia a excelência deles, antes de criá-los.

7. Não lhes teria dado a existência se não os houvesse conhecido. Por que então dizer tudo isso? Pelo

motivo supramencionado. Assim, após ouvires o profeta dizer-te que Deus viu todas as coisas e as elogiou, não busques outra pesquisa e comprovação da bondade delas e não digas: “Em que são boas?”. Com efeito, mais convincente que a prova extraída das próprias obras é a manifestação do parecer e do juízo emitido por aquele que as criou.

8. Certamente foi por isso que ele empregou um estilo muito elementar. De fato, se um inexperto vai comprar remédios, pede que antes sejam mostrados ao médico; se percebe claramente que este os examina e dá seu consenso, não procura outra comprovação de eficácia, mas, ao saber que o médico os conhece e aprova, contenta-se com a fórmula daquele que os compôs.

9. De igual modo Moisés, a fim de eliminar qualquer curiosidade impudente da parte dos que, em seguida, deverão usufruir da criação, anunciou e proferiu que Deus viu, elogiou e sentenciou serem boas todas essas coisas; e não somente boas: ótimas.

10. Não formule, portanto, questões importunas, nem te entregues a raciocínios curiosos sobre as coisas criadas, porque tens um testemunho valioso acerca da suma bondade delas. Se esta palavra não te basta e podes empenhar-te no exame das criaturas, fiado somente no mar agitado e nas ondas tempestuosas dos raciocínios, não acrescerás teus conhecimentos, mas prepararás molesto naufrágio a ti mesmo. Efetivamente, não encontrarás a motivação de cada criatura, mas hás de criticar bom número dentre as que agora te parecem boas, pelo fato de teres apelado para um irrefletido raciocínio.

11. Ora, os raciocínios dos homens são tão fracos que freqüentemente são arrastados em direções contrárias, e muitos se opõem diametralmente a outros em relação ao conceito sobre todo o criado. Os gregos, admirando-o além da conveniência e da medida, reputaram-no um deus.

12. Diferentemente, dentre os maniqueus e outros hereges, uns disseram que a criação não é obra de um deus bom; outros, depois de ter-lhe tirado uma parte, atribuíram-na a uma matéria gerada espontaneamente e declararam-na indigna da ação criadora de Deus. Assim, apresso-me a asseverar, se empregar alguém raciocínios e reflexões irrefletidas, há de condenar muitas coisas evidentemente boas.

13. O que julgas haver de mais belo que o sol? Esse astro luminoso e suave arruína os olhos doentes, cresta a terra dardejando seus raios por demais ardentes, provoca febres, seca muitas vezes a colheita, inutilizando-a, torna infrutíferas as árvores e transforma uma parte da terra em região inóspita.

14. Pois bem! Dize-me: vamos censurar o sol por causa disso? Não, mas deixando de lado os raciocínios e o tumulto que acarretam, apeguemo-nos a este rochedo que é a palavra supracitada: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”.²⁵ Por conseguinte, são inteiramente boas e úteis aquelas que acabo de enumerar. Desde então, conforme afirmei antes, devemos voltar incessantemente a esta palavra e repetir: todas as coisas criadas por Deus são inteiramente boas.

15. Mas, seria bom entregar-se à vida desordenada, aos risos, aos prazeres? Certamente não. Escuta o que diz Salomão, tipo de uma vida dissoluta: “Mais vale visitar a casa em luto que a casa em festa”.²⁶ E a noite, é coisa má? Convém empregarmos o raciocínio de nossos adversários.

16. Sim, mas também traz consigo interrupção de fadigas, afastamento de preocupações, alívio de doenças, pausa de temores e perigos. Rejuvenesce o corpo, revigora a mente, repousa a carne fatigada. E a doença, é um mal? Sim, mas por qual motivo Lázaro foi coroadado? E a pobreza? Então por que razão Jó se tornou célebre? E as tribulações sucessivas e ininterruptas?

17. Por que razão os nomes dos apóstolos se difundiram? Qual o caminho que conduz à vida? Não é o estreito e apertado?²⁷ Não digas, portanto: “Por que tudo isso? Com que finalidade?”. Mas ao se tratar dos planos e obras de Deus, o silêncio que mantém a argila diante do oleiro guarda-o tu também perante o Deus que te criou.

CAPÍTULO 5

1. Como? – dizem. Não queres que eu conheça claramente a providência universal de Deus e nela creia? Certamente, quero, faço votos, anelo ardentemente; não, porém, que te dediques a perscrutar sua providência e faças perguntas curiosas. Pois se sabes e tens convicção, não procures mais. Caso, porém, duvides, interroga a terra, o céu, o sol, a lua, interroga os gêneros variados dos irracionais, as sementes, as plantas, os mudos peixes, os rochedos, as montanhas, os vales, as colinas, a noite, o dia.

2. De fato, a providência de Deus é mais manifesta que o sol com seus raios e, em cada tempo e lugar, no deserto, nos países habitados e inóspitos, na terra e no mar, em qualquer lugar a que vás, perceberás a memória clara e suficiente, antiga e nova, desta providência, vozes que se elevam de todas as partes, mais penetrantes que a voz do homem racional, e que falam de sua solicitude a quem quiser escutar.

3. Por isso o profeta, a fim de demonstrar a superioridade dessas vozes, dizia: “Não há palavras, nenhuma língua em que a voz deles não se ouça”.²⁸ A nossa, de fato, só é notória aos que falam a mesma língua que nós, e não aos que se exprimem em outro idioma; a voz da criação, contudo, é perceptível a todos os povos espalhados sobre a terra.

CAPÍTULO 6

1. Para os dotados de boas disposições, é suficiente a revelação de Deus, antes mesmo da prova extraída de suas obras, para mostrar sua providência e ainda seu extremado amor por nós; pois ele não cuida simplesmente de nós, porém o faz por amor, amando-nos de um amor inconcebível, amor isento de paixão e contudo ardente e intenso, autêntico, indissolúvel, inextinguível.

2. No intuito de no-lo apresentar, a Sagrada Escritura propõe comparações extraídas das ações humanas, propõe numerosos exemplos de amor, de previdência e de solicitude. Não quer que nos detenhamos nisso, mas que superemos esses exemplos pelo raciocínio. Não constituem provas suficientes de sua afeição, mas são fatos bem conhecidos dos ouvintes e mais capazes do que os outros de demonstrá-la.

3. Quero dizer o seguinte. A alguns que certa vez se afligiam e lastimavam, dizendo: “O Senhor me abandonou; o Deus de Israel se esqueceu de mim”, o profeta responde: “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre?”²⁹ – isto é, se

uma mulher não se esquece de seus filhinhos, tampouco Deus se esquecerá do gênero humano.

4. Depois, a fim de entenderes que o profeta não utilizou esta comparação no intuito de mostrar assim que a medida do amor de Deus é comparável ao amor da mãe pelo fruto de seu seio, mas porque considerava bem sabido que a medida desse amor ultrapassa a dos outros amores – e certamente o amor de Deus é ainda muito maior que aquele – acrescentou: “Ainda que as mulheres se esquecessem de seus filhinhos, eu não me esquecerei de ti, diz o Senhor”.³⁰

5. Vede como ele ultrapassa a medida do amor materno. Visando a que entendas ultrapassar este amor superabundantemente a ternura de uma mãe e a afeição do pai para com seus filhos, declara o profeta: “Como um pai é compassivo com seus filhos, o Senhor é compassivo com aqueles que o temem”.³¹ E introduz novamente a comparação com o amor, ciente, contudo, de que este amor supera certamente os outros.

6. O Senhor dos profetas e de todas as coisas manifesta que a solitudine de Deus supera imensamente a medida do amor paterno; quanto à diferença entre a luz e a sombra, entre a maldade e a bondade, tanto a distância entre a bondade e a providência de Deus e a ternura de um pai. Ouve o que assevera:

7. “Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso pai, que está nos céus, dará coisa boas aos que lhe pedem!”³² Com isso revela que, na medida em que a maldade difere da bondade, tanto a bondade de Deus supera a solitudine dos pais.

8. Formulei esses exemplos a fim de que, se eu aduzir outras imagens de amor, não limites teu pensamento à medida usada pelos profetas, mas, de acordo com essa regra, o raciocínio te leve além e contemples o inefável excesso do amor de Deus. Com efeito, as medidas naturais não bastam; deixando-as de lado, ele visa mais alto e apresenta ainda outros exemplos.

9. Assim é aquele que ama. Quer sempre oferecer mais testemunhos de amor ao amado. Deus age da mesma forma, empregando comparações que exprimem a medida das distâncias locais; mas novamente, não no intuito de creres que seu amor é exatamente igual, e sim porque a medida das distâncias para os ouvintes é mais expressiva e notória.

10. Ele diz, portanto, por meio de Davi: “Como o céu se eleva acima da terra, é forte seu amor por aqueles que o temem”, e “Como o Oriente está longe do Ocidente, ele afasta de nós as nossas transgressões”;³³ e por meio de Isaías: “Meus pensamentos não são vossos pensamentos, e meus caminhos estão acima de vossos caminhos. Quanto os céus estão acima da terra, tanto meus caminhos estão acima de vossos caminhos, e meus pensamentos acima de vossos pensamentos”.³⁴ Assim se expressava logo após ter falado sobre a remissão dos pecados nesses termos: “Perdoarei completamente vossas transgressões”.³⁵

11. Depois de manifestar qual a medida de seu perdão, acrescenta este exemplo. Não se contenta simplesmente com tais comparações; passa a imagem mais rude. No livro de Oséias, ele dizia: “O que

te farei, ó Efraim, o que te farei, ó Judá? Como poderia eu abandonar-te como a Adama, tratar-te como a Seboim? Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas se comovem”.³⁶

12. Quer dizer o seguinte: nem mesmo uma palavra de ameaça pude suportar, diz ele. Exprima-se embora à maneira de um homem, não imagines algo de humano, longe disso; mas partindo de uma rude expressão, concebas qual o amor digno de Deus. É autêntico, indissolúvel.

13. Quando se ama loucamente, escolhem-se até as palavras, visando não aborrecer o amado; por isso, assim diz ele: “Mal falei e arrependi-me de minha palavra”. “Meu coração se contorce dentro de mim”.³⁷ Ele não receia empregar essas imagens pesadas a fim de manifestar seu amor. Exatamente como é peculiar àquele que ama.

14. Não se deteve, porém. Foi novamente mais longe, apresentando exemplo profundamente expressivo, nesses termos: “Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que teu Deus terá em ti”.³⁸ Com efeito, é sobretudo no começo que estão cheios de ardor os que se amam. Assim se exprime, não a fim de pensares em algo de humano – não me cansarei de repetir – mas para que, por meio destas palavras, notes o ardor, a autenticidade, a superabundância, a chama de seu amor.

15. Em seguida, tendo afirmado amar ele qual pai e mais que pai, qual mãe e mais que mãe, qual noivo e mais que noivo; ser tão grande quanto a distância entre céu e terra e até maior, tão afastado quanto o Oriente do Ocidente e ainda mais, não interrompe as comparações, mas emprega exemplo bem mais humilde.

16. Jonas, após a fuga e a reconciliação dos ninivitas com Deus, achava-se perplexo porque suas ameaças não surtiram efeito; sofria, seu sofrimento era bem humano e estava muito triste. O Senhor ordenou aos raios do sol que dardejassem mais ardentes. Em seguida mandou à terra que fizesse bem depressa brotar uma planta para abrigar a Jonas, o que o encorajou bastante e aliviou; porém, depois fez desaparecer o abrigo e desgostou-o. Ao vê-lo primeiro reconfortado e logo desanimado, escuta o que lhe declara: (17) “Tu tens pena da mamona, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer! E eu não terei pena de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre direita e esquerda!”.³⁹

18. Eis o que ele quer dizer: a sombra da planta não te aliviou mais do que eu me alegrei pela salvação dos ninivitas, e a destruição de uma não te causou tanto pesar quanto a mim a ruína desse povo; assim, tua perda é contrária a meu juízo. Vê como, aqui ainda, ele vai além da comparação. De fato, não diz: “tu querias poupar uma mamona”, e calou-se, mas acrescentou: “que não te custou trabalho e que não fizeste crescer”.

19. Uma vez que os jardineiros estimam sobremaneira as plantas que lhe custaram esforço maior, ao querer Deus demonstrar que ama os homens e ama-os com esta espécie de amor, aditou: “Se defendes com tal ardor o trabalho de outrem, disse ele, com maior razão devo eu defender a obra que me pertence e da qual sou criador”. Logo, atenua a acusação lançada contra os ninivitas, nesses termos: “que não distinguem entre direita e esquerda”.⁴⁰ e assevera ter sido antes por ignorância que por

malícia que cometeram erros, o que comprova seu arrependimento.

20. E censurando a outros que se lastimavam, sob o pretexto de terem sido abandonados, emite as seguintes palavras: “Pedi-me sinais a respeito de meus filhos, quereis dar-me ordens a respeito da obra de minhas mãos”.⁴¹ Ele quer dizer: “Quem traz a um pai a lembrança de um filho e exorta-o a cuidar dele? Ou a um operário ou artista que não deixe arruinar-se sua obra?”. Por conseguinte, se entre os homens a natureza e a arte servem de suficientes provas de solicitude, pensais que tenha eu necessidade de alguém para incitar-me a cuidar de meus filhos e de minhas obras?”.

21. Assim falando não visava impedir as súplicas, mas a fim de saberem que, mesmo antes de pedirem, Deus faz o que lhe compete; quer, no entanto, que se reze porque sabe que os que rezam retiram dessa oração grande proveito. Vede por esses exemplos como as manifestações de sua inefável providência brilham mais claras e radiantes que o sol.

22. Verifica-o. Ele deu como exemplos: o pai, a mãe, o noivo, a distância entre o céu e a terra, o espaço entre Oriente e Ocidente, o jardineiro cuidadoso relativamente às plantas, o arquiteto de futuras construções, o amante apaixonado, perturbado por ter causado pesar, fosse apenas por palavras, ao ser amado; com todos esses exemplos demonstrou diferir a bondade de Deus de tudo isso, quanto da benignidade a maldade.

CAPÍTULO 7

1. Para os bem-dispostos, como disse, essas considerações bastam; mas, a alguns mergulhados no lodo, indômitos, indóceis, carnais, vamos mostrar-lhes, à medida do possível, a providência de Deus por meio de suas obras. Com efeito, não é fácil apresentá-la totalmente, nem mesmo sob suas últimas conseqüências, por ser ela infinita e indescritível e brilhar nas pequenas e nas grandes realidades, nas visíveis e nas invisíveis. Em suma, vamos extrair as provas primeiro das coisas visíveis.

2. Esta criação admirável e inteiramente harmoniosa, ele a fez somente para ti, e por tua causa tornou-a tão bela, grande, variegada, rica, adaptada às necessidades, útil e sob todos os aspectos benéfica, apta a nutrir e a sustentar o corpo, e conduzir a alma à sabedoria e ao conhecimento de Deus.

3. Os anjos dela não precisavam. Como precisariam, se existiam anteriormente? Escuta como Deus disse a Jó, ao se entreter com ele, que muito mais antigos do que ela são os anjos: “Quando apareceram os astros, aplaudiram todos os anjos e cantaram-me com voz possante”,⁴² isto é, ficaram admirados diante da exuberância de astros, de sua beleza, ordem, utilidade, variedade, luminosidade, brilho, harmonia e as outras qualidades que eles abrangem, de forma muito mais apurada que nós, com a visão.

4. Embelezou o céu não somente com astros; ornou-o ainda com o sol e a lua, ocasionando-te, conforme a oportunidade, ora grande prazer, ora enorme utilidade. O que há de mais maravilhoso que o céu, que ora resplandece sob o sol, ora, como que com olhares fulminantes, ilumina a terra pelo número infinito de astros e serve de bússola aos marinheiros e viajantes, e os conduz pela mão, em certo sentido?

5. Aquele que fende o mar, sentado ao leme, diante dos vagalhões e o ímpeto das águas desencadeadas sob a pressão de ventos violentos, apesar das trevas de uma noite sem luar, penetra cheio de confiança no caminho que lhe é apontado.
6. E o astro, situado embora nas alturas, orienta com toda exatidão, como se estivesse próximo e vizinho, o homem sentado a tão grande distância; leva-o ao porto sem proferir palavra; ao assinalar o caminho diante dos olhos dos marinheiros, permite-lhes atravessar o mar com segurança e mostra o momento favorável, de sorte que ora eles retêm o navio no porto, ora dirigem-no a alto-mar, cheios de confiança e, apesar da incerteza do futuro imprevisível, se sobrevier um dia tempestuoso, sem perigo de naufrágio.
7. Os astros não apenas marcam a duração da totalidade dos anos e das estações, mas indicam precisamente a cada noite a hora e o curso do tempo. Dão a conhecer aos que os contemplam se a maior parte já decorreu, se resta menos, ou ainda, em vez disso, o que é vantajoso tanto aos navegantes quanto aos viajantes, que não empreendam viagem em hora intempestiva da noite ou não fiquem em casa quando convém partir. A esse respeito, como os astros, as fases da lua oferecem indicações exatas e fidedignas.
8. Assim como o sol regula as horas do dia, a lua estabelece as da noite; além disso, presta outros serviços, pois suaviza a temperatura e produz o orvalho para as sementes germinarem; é profícua também para a organização doméstica, e ocupa lugar intermédio entre o esplendor do coro dos astros e o do sol; é inferior a este, mas muito superior e maior que o dos astros.
9. Pequenos não são o prazer e o proveito ocasionados por esta variedade aos que contemplam os astros, nem fortuitas as vantagens provenientes do momento oportuno, das horas, da duração do tempo, longa ou breve, de sua indescritível variedade. Há possibilidade de se ver um astro pequenino, outro maior e mais brilhante e alguns outros que aparecem em diversos momentos.
10. A superabundância, porém, da sabedoria criativa produz por toda parte enorme variedade. Simultaneamente manifesta seu poder peculiar de operar maravilhas, cuida do proveito dos que considera, oferece-lhes indescritíveis vantagens e, além de tudo isso, é aprazível.
11. O que há de mais encantador, de fato, que o céu, ora um tecido puro e transparente estendido acima de nossas cabeças, ora um prado a exhibir sua coroa de múltiplas e variegadas flores? Certamente não é tão agradável ver um prado à luz do dia quanto aprazível e encantador olhar, à noite, o céu constelado de toda parte das mil flores de estrelas, flores que jamais fenecem, sempre de beleza incontaminada e peculiar.
12. O que há de mais agradável, uma vez passada a noite e antes de dardejarem os raios do sol, do que o céu enfeitado com um véu de púrpura e açafião ao raiar do sol? Que espetáculo mais belo que o do sol levante depois da aurora, que instantaneamente ilumina com seus raios toda a terra, o mar todo, montanhas, bosques e colinas, o céu inteiro, e despojando as coisas visíveis do manto noturno, desnuda-as diante de nossos olhos?
13. Como não admirar seu percurso, a boa ordem, o serviço ininterrupto e desimpedido durante tão

longos períodos de anos, sua beleza sempre florescente, sua luminosidade, seu brilho, sua pureza jamais contaminada, apesar do contato com tantos corpos? E também o indescritível proveito que traz às sementes, às plantas, ao corpo dos homens, dos quadrúpedes, dos peixes, dos alados, às pedras, aos vegetais, à terra, ao mar e ao ar, numa palavra, ao universo visível?

14. Pois todos os seres têm necessidade dele, recebem seus benefícios, melhoram ao participar de seu influxo e não somente os corpos e as plantas, mas também as águas, os lagos, as fontes, os rios; a própria atmosfera fica mais leve, purificada e mais transparente.

15. Por conseguinte, querendo mostrar sua beleza, sua luz sempre radiante, o momento de atingir o zênite, o brilho indefectível, o esplendor, a forma perfeita, o múnus desempenhado sem obstáculos, o salmista diz: “No sol ele pôs sua tenda”, isto é, nos próprios céus. Assim se exprime, referindo-se à tenda de Deus. “Ele sai, qual esposo da alcova”.⁴³

16. Em seguida, mostrando o zelo com o qual se desincumbe de sua tarefa, o salmista acrescenta: “Como alegre gigante, percorrendo o caminho”. Depois, como é suficiente para o bem da terra inteira: “Ele sai de um extremo do céu e até o outro extremo vai seu percurso”. Enfim, a utilidade e a ajuda que traz a todos: “E nada escapa ao seu calor”.⁴⁴

17. Poderias ainda, se não estás fatigado, conhecer a providência de Deus por meio de outros testemunhos, quais seriam: as nuvens, as estações, a revolução dos astros, os ventos, o mar e toda espécie de seres que o povoam, a terra e os quadrúpedes que contém, os répteis, as aves que cortam o ar e as que vivem em terra firme, os anfíbios dos pântanos, das fontes e dos rios, a terra habitada e a inóspita, as sementes que germinam, as árvores, as plantas, a vegetação dos lugares áridos e dos férteis, (18) a flora das planícies, das colinas, das montanhas, dos vales, as plantas que nascem espontaneamente e as produzidas pelo esforço e pelo cultivo, os animais aprisionados e os que estão em liberdade, as feras selvagens e os animais domésticos, os pequenos e os grandes, as aves que aparecem no inverno, no verão e no outono, os quadrúpedes, os peixes, as plantas, os vegetais, os que nascem à noite e os que nascem durante o dia, as chuvas, a medida dos anos, a morte, (19) a vida, o labor que nos coube por sorte, a tristeza, a distensão, a comida e a bebida que nos foram dados, os costumes, as artes, a madeira, a pedra, as montanhas que encerram minas de metais, o mar navegável e o refratário à navegação, as ilhas, os portos, as costas escarpadas, a superfície do mar, a profundidade das águas, os elementos da natureza de que se compõe o mundo em nosso favor, a sucessão das estações, a duração desigual do dia e da noite, (20) a doença e a saúde, os nossos membros, a constituição da alma, as artes, a habilidade que elas requerem e de que foram dotados os homens, as vantagens que nos trazem os irracionais a nosso serviço, as plantas e demais criaturas, os seres vivos menores e mais vis. O que há de menor e mais vil que uma abelha? De mais banal que as formigas e as cigarras? No entanto, elas também falam eloqüentemente da providência, do poder, da sabedoria de Deus.

21. Por esse motivo o profeta que foi considerado digno de ser tão abundantemente inspirado pelo Espírito, detendo-se no conjunto da criação e havendo relembado certo número de pormenores, emite,

sob o efeito de profunda surpresa, esta admirável palavra: “Quão numerosas são tuas obras, Senhor, e todas fizeste com sabedoria!”.⁴⁵

22. E tudo isso por ti, ó homem! Com efeito, os ventos também foram criados por tua causa – voltemos mais uma vez ao começo de nosso discurso –; eles refrescam nossos corpos fatigados, purificam a terra da contaminação da lama e o ar poluído pela fumaça, pelo fogo e por outras exalações, atenuam o calor dos raios solares, aliviam a sufocação do calor, nutrem as sementes, fazem germinar as plantas, no mar acompanham-te, na terra servem à agricultura; ora impelem os barcos mais depressa que as flechas e tornam assim a navegação fácil e amena, (23) ora fazem contigo a triagem na eira e separam a palha do grão, diminuindo a labuta; a fim de tornar o ar leve e suave, para te encantar, ora murmuram suave e agradavelmente, ora sopram ligeiramente sobre as plantas e agitam as folhas das árvores, (24) para te conceder no verão e na primavera um sono mais delicioso e doce que o mel; como fazem com as árvores, atuam sobre a superfície do mar e as torrentes dos rios; mostram-se no ar para te proporcionar, com sua visão, muito prazer e, mais do que este gosto, uma grande utilidade.

25. Além disso, os ventos de outra forma são profícuos às águas, pois não permitem que se corrompam estagnadas, mas as agitam constantemente e ventilam; fazem-nas renovadas, frescas e mais adequadas a dessedentar os animais que aí se vêm banhar.

26. Se queres examinar a própria noite, verás, nela também, a grande providência do criador. De fato, ela repousa teu corpo cansado, relaxa e distende os membros tensos pelos esforços diurnos, produz uma alteração e restitui-lhes, pelo repouso, vigor pleno.

27. E não somente isso, mas livra-te das tribulações diárias, liberta das preocupações importunas, às vezes até baixa a febre do doente, por ação do antídoto do sono, fazendo assim a arte insegura dos médicos chegar a um porto tranqüilo e livrando o enfermo de múltiplos sofrimentos. Tal a utilidade da noite. Tão grandes são suas vantagens, tamanha sua utilidade que, para os que foram privados do repouso noturno, o dia fica muitas vezes perdido.

28. De fato, quando à mente se recusam a calma, a pausa e o retiro da noite, por meio dos quais todos os seres descansam, enquanto a alma esgotada e o corpo fatigado se preparam para retomar, revigorados, a tarefa cotidiana, o ser vivente mostra-se inutilizado.

29. Se alguém une a noite aos dias, ficando acordado, e se, trabalhando ou mesmo sem nada fazer, continua desta forma, este morrerá seguramente ou, ao menos, vindo a ser vítima de uma longa doença, ele não tirará mais nada do dia para o desenvolvimento da atividade que lhe é útil, pois sua força se extinguiu.

30. Se, ademais, prolongarmos nosso discurso até o mundo ilimitado dos peixes, os dos tanques, das fontes, dos rios, dos mares navegáveis, dos mares intransponíveis; ou se observarmos os indescritíveis gêneros de aves, os do ar, os da terra, os que vivem igualmente nas águas e na terra – pois existem muitos anfíbios entre elas – as bravias, as mansas, as selvagens que foram aprisionadas, as que permanecem sempre indômitas, as comestíveis, as que não o são, se examinarmos curiosamente a

beleza, a plumagem, a voz melodiosa de cada uma, (31) se atendermos somente às diferenças de seu canto, de sua alimentação, de sua espécie de vida, em seguida se descrevermos os hábitos, os costumes, a utilidade, os serviços que nos prestam, o tamanho, a pequenez, o nascimento dos filhotes, a subsistência, sua diversidade ilimitada e indescritível; e se fizermos o mesmo relativamente aos peixes e, daí passarmos à vegetação que brota por toda parte da terra e examinarmos em relação a cada uma, os frutos, a utilidade, o bom odor, o aspecto, a constituição, as folhas, a cor, a forma, o tamanho, a pequenez, os préstimos, o cultivo, (32) as diferenças de casca, haste, ramos, as nascidas nos prados e as dos jardins; e logo se passarmos aos aromas variados, se examinarmos atentamente os lugares de toda espécie onde brotam, a maneira de os encontrar, cuidar, cultivar; e a cura que nos proporcionam nas doenças; e em seguida se passarmos às montanhas que contêm metais e são tão freqüentes; se pesquisarmos atentamente os outros seres criados, ainda mais numerosos, que discurso ou que lapso de tempo nos bastaria para ter de tudo isso conhecimento exato?

33. E tudo isso, ó homem, criado para teu bem! As artes são para teu benefício, os ofícios, as cidades, as aldeias, o sono, a morte, a vida, o crescimento e tantos fenômenos naturais, e este mundo tão grande a ti destinado, agora e mais tarde, quando será ainda melhor. Ouça como se exprime Paulo de que será melhor e por tua causa: “A criação também será liberta da escravidão da corrupção”, isto é, de ser corruptível. E demonstra que será favorecida de tal honra por tua causa, nesses termos: “Para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus”.⁴⁶

34. Se minha dissertação não estivesse já longa demais e além da medida, poderia extrair muitas lições da realidade da morte, e mostraria sobretudo nela a sabedoria e a providência de Deus. Assaz diria sobre a corrupção, a putrefação, os vermes, as cinzas, diante das quais a maioria chora e se condói porque nosso corpo será reduzido a cinzas, a pó, a vermes; e mostrarei, após tudo isso, a inefável providência, a proteção de Deus.

35. Foi por sua providência e bondade que ele nos criou, quando não existíamos; pelo mesmo motivo, dispôs que morrêssemos e chegássemos ao termo desta maneira. Pois, se as criaturas diferem entre si, resultam de idêntica bondade. Quem parte não é lesado, quem vive daí retira grande proveito, recolhendo utilidade peculiar de um corpo alheio.

36. Se virmos um homem que ainda ontem e nos dias precedentes caminhava a nosso lado, já coberto de vermes, em putrefação, em cinzas, reduzido a pó, mesmo se tivermos o louco orgulho do diabo, ficamos apavorados, humilhados, comedidos, aprendemos a refletir e damos acesso em nosso espírito à mãe de todos os bens: a humildade.

37. Por sua vez, quem parte não é lesado, pois obtém um corpo incorruptível e imortal, e quem ainda está no meio da peleja retira as maiores vantagens do fato de que o outro não é lesado. A morte, portanto, não nos foi trazida qual fortuita mestra de vida espiritual, porque conforma nossa mentalidade, controlando as paixões da alma, apaziguando suas tempestades e estabelecendo a serenidade.

38. Após entendermos, de acordo com o que dissemos e segundo muitos outros argumentos, que a

providência de Deus resplandece da forma mais fulgurante que a luz terrena, não perscrutes curiosamente as realidades que te ultrapassam, não corras atrás de coisas ininteligíveis, procurando a causa de todas as coisas. Pois a própria existência, Deus no-la concedeu por pura bondade, visto não ter absolutamente necessidade de nosso serviço.

39. Compete-nos admirá-lo e adorá-lo, não só pelo fato de nos ter criado, de nos ter doado uma alma espiritual e racional, de nos ter feito melhores que as demais criaturas, de nos haver entregado a realeza sobre as coisas visíveis, confiando-nos o cetro, mas também porque não tinha absolutamente necessidade de nós. O sinal mais admirável de sua bondade é o seguinte: sem ter necessidade de nosso serviço, deu-nos o ser. Efetivamente, antes de existirmos nós e os anjos e potências celestes, ele existia, e possuía sua própria glória e bem-aventurança. Foi unicamente por amor que nos chamou à existência e tudo isso, ele o fez por nossa causa. E bem mais.

CAPÍTULO 8

1. Por esta razão, promulgou-nos uma lei, enviou profetas, operou prodígios e, sobretudo, tendo plasmado o homem, deu-lhe por mestre a lei natural, sobrepondo-a aos nossos raciocínios, qual piloto ao navio, e freio ao cavalo. Assim a conhecia Abel, antes de existirem documentos, profetas ou apóstolos, ou qualquer ensinamento escrito, existindo apenas a lei natural.

2. O mesmo sucedeu a Caim. Ambos a conheciam, reconheciam-lhe a soberania, mas seguiram caminhos opostos: um a estrada do vício, o outro, a da virtude. Deus, contudo, não abandonou o homem em tal situação, embora tivesse caído e houvesse sido suplantado; ele o reconduzia ao bom caminho e cercava-o de solicitude, primeiro exortando e dando conselhos, depois por meio de temor e tremor advertindo-o, educando-o, instruindo-o.

3. Mas, como a maior parte dos homens atraçou tão grande dom – isto é, o bem que podiam retirar do ensino ministrado pela natureza –, mesmo então Deus não os abandonou e não os entregou a uma ruína universal, mas aguardava, educando-os e exortando-os por obras, benefícios, castigos, pela própria criação, que diariamente se renova e cumpre a tarefa costumeira, pelos eventos extraordinários, pelos justos primitivos.

4. Com efeito, ele foi transferindo de lugar em lugar esses homens admiráveis e cheios de sabedoria. Fez, por exemplo, inicialmente Abraão partir para a Palestina, depois para o Egito, e Jacó para a Síria. Em seguida, Moisés para o Egito, os três jovens para a Babilônia, Daniel, Ezequiel e Jeremias para o Egito. Promulgou uma lei, enviou profetas, feriu, afrouxou o rigor, entregou ao cativo, concedeu a liberdade e do começo ao fim não cessou de fazer o possível e de empregar todos os recursos em favor de nossa raça.

5. De fato, não se contentou com o ensinamento transmitido através da criação, que leva ao conhecimento de Deus; como muitos homens, por ignorância própria, daí não retiravam proveito, abriu outras vias de conhecimento; enfim, levou ao extremo os benefícios enviando o próprio Filho.

6. Aquele que é da mesma natureza de Deus tornou-se o que eu sou; caminhando sobre a terra,

convivia com os homens, operava milagres, fazia promessas e as cumpria. Aqui na terra já concedia alguns bens; outros, porém, eram reservados para o futuro. Garantia de que os dará são os milagres operados enquanto estava na terra e em seguida o cumprimento de tudo o que havia pronunciado: “Quem poderá dizer as proezas do Senhor e fazer ouvir todo o seu louvor?”.⁴⁷ Quem não ficaria extasiado, não estremeceria diante de sua indizível solicitude, pensando como Deus, em prol de servos ingratos, entregou seu Unigênito à morte maldita, mais ultrajante, à morte dos criminosos?

7. Foi pregado numa alta cruz, cuspiam-lhe, batiam-lhe com bastões, era esbofeteado, escarnecido, foi sepultado por caridade, e teve o túmulo selado. E tudo isso ele o suportou por ti com solícita bondade, a fim de suprimir a tirania do pecado, destruir a cidadela do diabo, quebrar os laços da morte, abrir-nos as portas do céu, fazer desaparecer a maldição, apagar a primeira culpa, ensinar-te a paciência, treinar-te à resistência de modo que nenhum dos acontecimentos da vida presente te aflija, nem a morte, nem os insultos, nem as injúrias, nem as zombarias, nem os açoites, nem as ciladas dos inimigos, nem as calúnias, nem os ataques, as denúncias, as suspeitas etc.

8. Viveu, também ele, no meio de tudo isso e o partilhou contigo, dominou-o de modo extraordinário, demonstrando e ensinando-te a não temeres nenhuma dessas provas. Mas, tudo isso não lhe bastou. Subiu aos céus, concedeu-nos a graça inefável do Espírito Santo e enviou os apóstolos, seus servidores.

9. E mesmo vendo esses arautos da vida sofrerem mil males, serem batidos com varas, insultados, lançados ao mar, torturados por fome e sede, diariamente angustiados, viverem no meio de perigos cotidianos e mortais, ele o permitia por ti, com bondade cheia de solicitude. Preparou-te, ó homem, um reino, bens indescritíveis, porção reservada nos céus, moradia excelente e variegada, bem-aventurança inexprimível por palavras.

10. Se possuis tantas provas de sua providência no Novo Testamento e no Antigo, na vida presente e na futura, no que será e no que é, nos eventos diários, nos acontecimentos iniciais, medianos, finais, nos seres sempre existentes, nas realidades físicas e espirituais, e se verificas, provenientes de todos os lados, nuvens de provas a proclamarem sua providência, tu ainda duvidas?

11. Não, não duvidas; crês que ele exerce sua providência e disso tens certeza. Não formules, portanto, perguntas indiscretas, bem ciente de que tens um senhor mais terno que um pai, mais solícito que uma mãe, mais amante que um esposo ou uma esposa amorosa, que considera tua salvação um repouso para si e mais que tu se alegra de escapares aos perigos e à morte – atestei-o com o exemplo de Jonas – dando todas as demonstrações de amor, tais (12) as do pai para com os filhos, da mãe para com os filhinhos, do jardineiro relativamente às plantas, do arquiteto quanto a sua obra, do recém-casado para com sua esposa, do jovem em relação à jovem, de um amor que procura afastar de ti os males tanto quanto o Oriente se distancia do Ocidente, tanto quanto o céu se eleva acima da terra – também já o manifestamos – ou antes, não só, porém muito mais, conforme o mostramos, suscitando a esse respeito o raciocínio e estimulando-te a não te deteres nas imagens, mas ultrapassares as cogitações. De fato, ele é de inexplicável providência, incompreensível solicitude, inefável bondade, de amor imperscrutável.

13. Se, portanto, conheces todas as coisas pelas quais ele se revelou, por cujo intermédio atua e há de atuar, não formules questões curiosas, não sejas impertinente, não digas: “Por que isso? Por que aquilo?” Não seria louco e excessivamente insano e demente? Então, não se torne alguém impertinente em relação ao cirurgião que opera, cauteriza, receita remédios amargos, mesmo se for um escravo; o senhor, porém, ao sujeitar-se a tais tratamentos, guarda silêncio e agradece-lhe a cauterização, a operação, os remédios, e mesmo diante da incerteza do que vem – pois os médicos já mataram muitos doentes com tais atos –, obedece com grande submissão enquanto ele assim procede, conforme se faz com o piloto, o arquiteto e os peritos em diversos ofícios.

14. Se é ridículo, digo, julgar que um ignorante e inexperto pode exigir do arquiteto as motivações do que ele faz, é também grotesco levantar questões importunas sobre esta sabedoria infável, inexprimível, indizível, incompreensível e procurar a razão de tal e tal acontecimento, quem está perfeitamente ciente de ser infalível a sabedoria de Deus, imensa a bondade, inenarrável a providência, e de que tudo o que dele nos provém orienta-se para excelente termo, contanto que não lhe oponhamos obstáculo, porque ele a ninguém quer perder, e sim salvar. Não se trata de loucura além de todos os limites fazer perguntas indiscretas ao que quer e pode nos salvar a todos, desde o começo e imediatamente, sem aguardar o final dos acontecimentos?

CAPÍTULO 9

1. Acima de tudo, porém, não se deve levantar questões não pertinentes, nem no começo, nem na continuação; mas, se és curioso e indiscreto, aguarda o final e verifica como terminam os acontecimentos; não te abales, nem te perturbes desde o início. Da mesma forma que um inexperto vendo o fundidor começar a derreter o ouro e misturá-lo com cinza e palha, se não espera o final, pensará que este pedacinho de ouro está perdido; assim como um homem nascido e criado no mar e que posteriormente muda-se de modo definitivo para a terra, jamais tendo ouvido absolutamente falar de seu cultivo, (2) se vir o trigo depositado e guardado atrás de portas e ferrolhos, preservado da umidade, e depois pelo camponês retirado, dispersado, lançado ao vento, espalhado pela terra diante de todos os transeuntes e não somente estar desabrigado da umidade, mas ainda estar jogado no lodo e no pântano, sem proteção alguma, não julgará que o grão está perdido e não repreenderá o camponês por agir assim?

3. Ora, essa crítica não está de acordo com a natureza das coisas, mas origina-se da inexperiência e da tolice daquele que não julga bem, exprimindo desde o começo uma opinião apressada. Pois, se esperasse o verão, se visse as messes ondulantes, a foice afiada e o mesmo trigo, que fora espalhado, ficara abandonado, apodrecera, corrompera-se, entregue ao lodo, levantar-se, multiplicar-se, (4) surgir verdejante, despojado da primitiva casca, e erigir-se com viço, como que cercado de satélites e guardas, erguendo a haste, para encanto do espectador, nutrição e bom lucro, então ficaria ainda mais extasiado porque o grão, através de tantas aventuras, frutificou com tal florescência e beleza.

5. E tu, ó homem, sobretudo, não formules perguntas ao senhor do universo: se és sedento de discussão e bastante audacioso para chegares a tal loucura, aguarda o termo dos acontecimentos. Efetivamente, se o lavrador espera todo o inverno, sem considerar o tratamento imposto ao trigo

durante a estação fria, mas as vantagens que daí vai retirar, com maior razão tu, diante daquele que lavra a terra inteira e as nossas almas, seria justo aguardares o termo; não digo apenas o fim na vida presente – pois muitas vezes ele virá desde aqui – como principalmente na vida futura. O plano de Deus, de fato, está elaborado em função de cada uma dessas duas vidas, em vista de nossa salvação e de nossa glória. Se é dividido pelo tempo, o termo lhe dá unidade e, da mesma forma que ora é inverno, ora primavera e a sucessão das estações visa a um único resultado, a maturidade dos frutos, assim acontece conosco.

6. Quando vires a Igreja dispersa, sofrendo as piores provas, expulsos os que nela ocupam um lugar destacado, batidos com varas, exilado para longe o que a preside, não pondera somente as tribulações, e sim o que delas resulta: o salário, a recompensa, o prêmio do combate e da luta. “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”,⁴⁸ diz a Escritura. No Antigo Testamento, quando a doutrina da ressurreição ainda não estava difundida, ambas se realizavam na vida presente; já no Novo Testamento não sucede sempre assim, há casos em que os eventos dolorosos se dão aqui na terra e a felicidade aguarda nossa partida daqui.

7. Entretanto, embora para eles a felicidade a esperar aqui se realizasse na vida presente, os que dela não usufruísem seriam mais admiráveis, pois, sem conhecerem claramente a doutrina da ressurreição e vendo os fatos contrários às promessas de Deus, não se escandalizavam, não se comoviam nem se perturbavam; entregavam-se à providência incompreensível, sem se escandalizarem com as adversidades, mas, cientes da riqueza, da perícia de sua sabedoria, aguardavam o termo e, antes do fim, tudo o que se ousava contra eles suportavam-no com ações de graças e não cessavam de glorificar a Deus, apesar de permitir essas provas. Entretanto, essa dissertação talvez vos pareça um tanto obscura; esforçar-me-ei por torná-la mais clara.

CAPÍTULO 10

1. Abraão estava velho e, em conseqüência da idade, tinha o corpo sem vida, incapaz de procriar; para se tornar pai, não era mais capaz que os mortos, apesar de continuar a viver. O justo, por conseguinte, estava velho, há muito tinha ultrapassado os limites além dos quais a natureza não permite mais procriar e tinha uma companheira mais estéril que uma pedra, quando Deus lhe anuncia que ele se tornará pai de tão numerosos filhos que sua quantidade igualará a multidão dos astros.

2. Tais os obstáculos que se lhes deparavam: ele, pela idade, nos limites da velhice; quanto à mulher, a idade e a natureza a haviam tornado incapaz de conceber, pois não era somente a velhice: o impedimento vinha de impotência natural. Com efeito, mesmo quando jovem, a capacidade natural ficara sem efeito, pois era estéril.

3. Ora, são Paulo, querendo descrever a situação, exprimia-se nesses termos: “O seio de Sara estava sem vida”.⁴⁹ Ele não disse simplesmente: “Sara estava sem vida”, para evitar que se visse nisso somente uma questão de idade; disse: “O seio de Sara estava sem vida”, o qual assim se achava não somente pelo peso dos anos, mas também por natureza. E contudo, conforme disse, apesar de tais obstáculos, Abraão, conhecedor da promessa de Deus, de quanto é rico de meios e recursos, e de que a

promessa não seria frustrada pelas leis da natureza, nem pelas dificuldades da empresa, nem por qualquer impedimento, mas que evoluiria entre os obstáculos e levaria à realização o que fora renunciado, (4) acolheu a palavra, prestou fé à promessa e, sem se deixar de forma alguma abalar pelo tumulto dos raciocínios, julgou – conforme a verdade – que o poder do promitente incutia confiança no cumprimento do que fora anunciado, sem procurar como e de que maneira isso se realizaria, e por que razão não fora na juventude, mas na velhice, tardiamente, tanto tempo depois.

5. Paulo igualmente o aplaude em alta voz, dizendo: “Ele, contra toda esperança, acreditou que se tornaria pai de muitos povos”.⁵⁰ O que significa: “acreditou contra toda esperança”? Contra a esperança humana, com esperança em Deus, que triunfa sobre todas as coisas, tudo pode e tudo supera. E acreditou não somente que seria pai, mas ainda que o seria duma multidão de povos, ele, um ancião impotente e que possuía uma mulher estéril e já velha; “conforme lhe fora dito: (6) Tal será tua descendência. E foi sem vacilar na fé que viu seu corpo já amortecido – ele tinha cerca de cem anos – e o seio de Sara sem vida. Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança, mas se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu”.⁵¹ Essas palavras significam o seguinte: depois de se ter libertado e de prontamente ficar isento da fraqueza humana, depois de se ter elevado à altura daquele que prometeu e ter refletido em seu inefável poder, deixa-se persuadir, na certeza de que a palavra proferida por ele se realizaria completamente.

7. Por esse motivo sobremaneira rendeu glória a Deus, sem curiosidade nem levantar questões importunas, mas cedendo diante da incompreensibilidade de sua sabedoria e de seu poder, sem discutir de forma alguma o que lhe fora dito. Eis como principalmente se presta glória a Deus: cedendo sempre diante da incompreensibilidade de sua providência, diante de seu poder e sabedoria indizíveis, sem curiosidade nem questões ociosas ou interrogações: Por que isto? Para que aquilo? Como se fará?

8. E não somente essa atitude é admirável, mas também que, depois da promessa, tenha recebido ordem de sacrificar este filho único e legítimo. Mesmo então ele não se escandalizou. Entretanto, não faltavam motivos suscetíveis de escandalizar um homem que não estivesse atento e vigilante. Primeiro, a ordem em si mesma: se Deus recebe tais sacrifícios, se ordena aos pais que matem os filhos, ponham termo à vida deles por morte violenta, inflijam-lhes morte prematura, sejam assassinos daqueles que eles próprios geraram, se quer seu altar manchado do sangue deles, que uma mão paterna se arme contra um filho único, e um justo seja mais cruel que assassinos...

9. Além disso, havia a tirania da natureza a manifestar-se tumultuosa e perturbadora, não somente porque ele era pai, mas pai afetuoso de tal filho, legítimo, único, de belo aspecto, de reconhecida beleza. Com efeito, estava na flor da idade, havia atingido o mais alto grau de virtude, irradiava dupla beleza, a espiritual e a corporal.

10. Não constituía pequeno motivo de afeto o fato de lhe ter sido dado contra toda esperança. Sabes, efetivamente, como são ternamente amados os filhos nascidos além de toda esperança e expectativa, concedidos contra as leis da natureza, como era o caso. E sobretudo, mais próprio de escandalizar era

o anúncio e a promessa, pois a ordem dada era-lhes oposta; de fato, de um lado lhe tinha sido anunciado: “Tua posteridade será tão numerosa quanto as estrelas do céu”⁵² e doutro lado foi-lhe prescrito que o filho único por cujo intermédio ele devia povoar a terra inteira fosse excluído, entregue à morte e cruelmente estrangulado.

11. No entanto, o justo não se scandalizou, não se perturbou, não experimentou o que seria natural que experimentassem os irrefletidos, atraídos pelo bens terrenos; pois não disse a si mesmo: Então! Enganei-me? Fui iludido? Esta ordem vem de Deus? Recuo! Não obedeco! É oposto à justiça que eu seja o assassino de meu filho e que manche minha mão com tal sangue. E como se realizará o que me foi predito? Donde brotarão os frutos? Se esgoto a fonte, donde nascerão os rios? Se estrangulo meu filho, donde me virá esta multidão de descendentes cujo número deve igualar o das estrelas?

12. Mas, como me foi prometida uma coisa e agora me é ordenado o contrário? Nada de semelhante proferiu, nem pensou; refugiou-se, contudo, no poder daquele que lhe havia renunciado tais coisas, poder inefável, bem dotado de meios e recursos, que resplandece no meio de acontecimentos adversos e domina as leis da natureza, o todo-poderoso, sem nenhuma oposição, desconhecedor de qualquer obstáculo, e obedeceu inteiramente à ordem; imolou o filho, ensangüentou as mãos, manchou a espada e enterrou-lhe o cutelo na garganta. Se não chegou aos fatos, ao menos na intenção executou tudo isso.

13. Por esse motivo, Moisés, cheio de admiração diante dele, assim se expressa: “Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: ‘Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai a uma montanha que eu te indicarei’ ”.⁵³ São essas as palavras da promessa, as palavras do anúncio, a declararem que ele seria o pai duma multidão de descendentes e que sua posteridade seria como as estrelas do céu?

14. Vê como, depois dessas palavras, tendo recebido a ordem de estrangular o filho, ele aceitou suprimir e imolar aquele do qual devia sair tão grande multidão, tirá-lo do meio dos vivos e oferecê-lo a Deus como vítima. Quanto a Paulo, por esta razão o admirava e o aplaudia, dizendo: “Foi pela fé que Abraão, tendo sido provado, ofereceu Isaac”. Depois, mostrando a grande ação que ele realizou e de quanta fé deu provas, acrescenta: “Tendo recebido as promessas, ofereceu o filho único”.⁵⁴

15. O sentido dessas palavras é o seguinte: não se pode dizer que ele possuía dois filhos legítimos e que, desaparecendo um, podia esperar ser pai duma multidão por intermédio do outro, e sim que tinha um só e a este único referiam-se os termos do anúncio. Contudo, preferiu imolá-lo. Igualmente, diante da promessa de seu nascimento, nem seu próprio estado, o de um corpo sem vida, nem a impotência natural da mulher não o haviam impedido de crer; assim, agora não lhe obstacularizara a fé diante da morte.

16. Comparem-se, portanto, esses eventos com o que se dá agora e verás a pusilanimidade, a vileza da alma dos que se scandalizam, e compreenderás claramente que o escândalo não tem outra origem senão a falta de entrega à providência incompreensível de Deus e a procura incessante do modo como se desenrolam seus planos, a exigência de explicações a respeito dos acontecimentos e o esforço de perscrutar cada um deles.

17. Se Abraão houvesse tido esses sentimentos, teria sido fraco na fé. Não foi, contudo, indiscreto; por isso celebrou-se e todos os prenúncios se realizaram. Não se scandalizara nem pela velhice, nem pela ordem subsequente; não ponderou ser a ordem obstáculo à realização da promessa, nem que o sacrifício arrebatava-lhe a certeza; não perdeu a esperança na promessa, embora chegasse a realizar os atos. Não repliques que Deus não permitiu que a ordem fosse cumprida, nem que a mão do justo se ensangüentasse; mas, considera que Abraão nada disso sabia, nem que recobriria seu filho em vida e assim voltaria para casa, mas toda a sua atenção se concentrava na imolação.

18. Por isso, foi chamado duas vezes do alto dos céus. Pois Deus não lhe disse: “Abraão” uma só vez, e sim: “Abraão, Abraão”,⁵⁵ retendo e reprimindo, por meio dessa repetição, a vontade que tendia para o sacrifício, visto estar ele inteiramente absorvido pela ordem dada. Vede como ele a cumpriu conforme a intenção. De escândalo, absolutamente nada. Qual o motivo? Ele não perscrutava os desígnios de Deus.

19. E José? Dize-me. Não experimentou também algo de semelhante? Com efeito, tivera a graça imensa da promessa de Deus e, no entanto, os acontecimentos eram opostos ao que lhe fora prenunciado. Ora, a promessa feita em sonhos era de que os irmãos se ajoelhariam diante dele; dupla visão o pressagiara, a das estrelas e a dos feixes; mas os acontecimentos sobrevindos após as visões eram o oposto do que vira.

20. Primeiro, dura batalha se desencadeou contra ele na casa paterna; os irmãos, tendo desatado os laços de idêntico nascimento, rompido as leis da comum origem, quebrado os liames da condição fraterna e transtornado as normas estabelecidas pela natureza, após estes sonhos, tornaram-se hostis, inimigos, mais selvagens que lobos para com o irmão e, como feras cruéis que dividem entre si um cordeiro, a cada dia eles lhe armavam ciladas.

21. A origem dessa luta era a inveja irracional e o ódio injusto. Ardendo em cólera, exalavam cada dia um odor mortífero, pois a inveja ateava essa fornalha e reavivava o fogo. Como não podiam fazer-lhe mal algum enquanto vivia em casa e residia com os pais, atacam a consideração de que gozava, criam-lhe má reputação, descarregam sobre ele uma acusação abominável, no intuito de assim arruinar o amor que o pai lhe dedicava e apanhá-lo mais facilmente em suas ciladas.

22. Depois, atraíram-no para longe das vistas paternas e, encontrando-o na solidão, quando foi vê-los e levar-lhes a comida, não tiveram prazer algum com o que era a causa de sua visita, não coraram diante do alimento que lhes trazia o irmão; aguçavam as espadas, preparavam-se para o crime, tornavam-se todos assassinos do irmão, e no entanto não podiam censurar nem leve nem gravemente aquele que iam fazer perecer, mas que devia ser coroado, havia de ser exaltado, por meio daqueles mesmos que o invejavam, combatiam, caluniavam.

23. Quanto a ele, não fugiu de sua companhia, mas, em situação tão ruim, demonstrava disposições fraternas. Aqueles dispunham-se a fazê-lo desaparecer. E assim fizeram-no desaparecer, morrer; ao menos intencionalmente ensangüentaram as mãos, realizaram o fratricídio.

24. Entretanto, a sabedoria de Deus, opulenta em meios e recursos até mesmo em perigo de penúria,

de um abismo e de um ataque mortal, arrebatou-o de mãos assassinas. Na verdade, um dos irmãos aconselhou a não se cometer o crime; foi, porém, Deus quem inspirou esta idéia e impediu a imolação. Não era, contudo, o fim dos horrores; estes retornavam mais fortes. Impedidos de matá-lo, enquanto seus sentimentos ainda estavam em ebulição, a cólera atingira o auge e desencadeara-se o embate das paixões, a ira tomou outra forma.

25. Após despi-lo, amarrá-lo, esses homens cruéis jogaram-no numa cisterna e, semelhantes a feras, regalavam-se com a refeição que ele lhes trouxera. José estava numa cisterna, em extremo pavor, enquanto eles se fartavam e embriagavam-se. E a loucura não parou aí; vendo chegarem bárbaros que, longe do próprio país, iam para o Egito, tomaram o irmão e venderam-no, ocasionando-lhe deste modo uma espécie de morte mais longa, mais penosa e repleta de múltiplos sofrimentos.

26. Esse jovem, verdadeiramente ainda muito jovem, criado em plena liberdade na casa paterna, inexperiente de uma escravidão e do sofrimento que ela acarreta, imagina o que não terá sentido vendo-se de repente escravo em vez de livre, estrangeiro em vez de cidadão, sujeito ao péssimo tratamento de um prisioneiro de guerra. E não somente a escravidão, mas ainda a separação do pai, da mãe, de todos os parentes, nu, estrangeiro, sem casa nem cidade, entregue pelas leis da escravidão a mãos bárbaras.

27. Não seria mais do que suficiente para perturbá-lo? O acúmulo, o imprevisto, o desmentido à esperança, a dureza da tribulação, causada por irmãos, e irmãos amados, aos quais não fizera mal algum, nem leve nem grave – ao contrário, havia-lhes feito grande bem. E suportar semelhante coisa! Nada disso, contudo, o perturbava. Deixava-se levar para o Egito por esses comerciantes, trocando escravidão por escravidão.

28. Ora, ele se tornava escravo e habitava numa casa bárbara, embora fosse hebreu, bem nascido, e duplamente livre, de corpo e de alma. Nem por isso ficou de forma alguma perturbado ou escandalizado com os acontecimentos, lembrado das visões que lhe anunciavam o contrário. Não perguntava de maneira importuna: “Por que acontece tal coisa?”

29. Eles, assassinos de seu irmão, lobos e feras, apesar de consumada a injustiça, levavam vida despreocupada na casa paterna. José, destinado a reinar sobre eles, prisioneiro, escravo, vendido a mãos estrangeiras, passou pelo sofrimento extremo não só de não ter reinado sobre eles, mas de se ter tornado seu escravo, suportando provas diametralmente opostas às promessas; pois não somente não obteve a realeza, como foi privado da pátria, da liberdade, da vista dos pais.

30. E não foi este o termo de suas lutas: abria-se um abismo mais profundo, encerrando ainda uma vez a morte e o crime, uma morte ignominiosa, um vergonhoso assassinato. Pois aquela que o tinha em seu poder, tendo-o olhado com olhos culpados, cativa da beleza do jovem, subjugada por seu aspecto esplêndido, também ela, por sua vez, urdia astúcias e ciladas.

31. Após ter armado em todo lugar as redes de sua devassidão, cada dia ela espreitava o jovem para prendê-lo em suas próprias redes, para arrastá-lo ao abismo do adultério e entregá-lo a uma morte perpétua. Cada dia saía à caça de sua presa, aguilhoada pela paixão e por um amor desordenado. [56](#)

Uma vez, tendo-o encontrado sozinho, procurava arrastá-lo à força ao leito do pecado, obrigá-lo a unir-se a uma estrangeira, tentando manchar sua virtude.

32. No entanto, este justo não sofreu dano algum: a tirania da paixão, o tumulto da adolescência, o assalto da mulher sem pudor, as ciladas daquela de quem era escravo, a perturbação inerente à juventude e tudo o que devia resultar da aproximação dessa mulher, seu aspecto, sua loucura, tudo isso atravessou em completa serenidade, como uma águia abre as asas que a elevam às alturas, tendo tirado o manto que deixou em mãos audaciosas, despiu as vestes, revestido apenas de sua esplêndida virtude, mais fulgurante que um vestido de púrpura.

33. Em seguida, ela afiava de novo seu gládio e planejava a morte; as vagas mais se sublevavam e a louca paixão da mulher acendia chamas mais ardentes do que as da fornalha de Babilônia. O desejo surgia mais forte, a cólera, paixão ainda mais temível, acrescentava-se com extrema selvageria. Ela visava ao assassinato, corria para a espada, desejava apaixonadamente uma iníqua morte, tinha pressa em fazer desaparecer o atleta da virtude, o campeão da resistência e da paciência.

34. Tendo se precipitado para seu marido e denunciado o que se passara, não segundo a verdade, mas representando a comédia da denúncia, persuadiu do que queria a esse juiz, censurou seu isolamento e, sob o pretexto de ter sido ultrajada, reclamava vingança, apresentando com suas mãos impuras, como prova do que afirmava, as vestes do jovem inocente.

35. E o juiz corrupto não fez comparecer ao tribunal o acusado, não permitiu a defesa, porém condenou aquele que nem havia visto o tribunal, como se tivesse sido preso em flagrante delito e convencido de falta, como se houvesse consumado o adultério; lançou-o na prisão e entregou-o às cadeias. Quem havia tecido tais coroas de virtude estava na prisão com impostores, violadores de túmulos, assassinos, com os que haviam ousado cometer os piores crimes.

36. No entanto, nada disso lhe causava emoção. Aquele que ofendera o rei foi libertado, mas ele continuava por muito tempo preso, sofrendo o último dos castigos por coisas que deveriam lhe valer coroas e boa fama. Mesmo então não ficou perturbado, não se escandalizou, não dizia: Que é isso? Por quê? Eu, que devia reinar sobre meus irmãos, fui privado não somente de tal honra, mas também da pátria, de minha casa, de meus pais, da liberdade, da tranqüilidade, e aqueles que deviam prostrar-se diante de mim fizeram-me desaparecer? (37) Em seguida, após esta tentativa de assassinato, fui vendido, tornei-me escravo de bárbaros, tive em troca novos donos; e minhas provações não se limitaram a isso, mas de toda parte eram sorvedouros e escolhos! Após a cilada armada por meus irmãos, a tentativa de assassinato e de escravidão, a primeira e a segunda, de novo a morte me persegue. Em seguida, esta calúnia mais cruel do que a primeira, a conjuração, o ataque, o tribunal corrupto, a acusação vergonhosa que acarreta a morte. (38) Sem que me fosse permitido defender-me, fui lançado na prisão, simplesmente e de qualquer forma, fui posto em ferros com adúlteros, assassinos e ousados criminosos. O copeiro-mor foi tirado das cadeias e da prisão, enquanto eu não posso nem mesmo gozar, como ele, de certa tranqüilidade. Para ele o sonho se realizou segundo minha interpretação, enquanto eu vivo em meio de sofrimentos intoleráveis. (39) Era isso o que mostravam minhas visões? Esse o grande número de astros? São estes os feixes? Onde estão os prenúncios? E as

promessas? Fui enganado, iludido? Como meus irmãos poderão prostrar-se diante de mim, escravo, prisioneiro, algemado, reputado adúltero, exposto aos piores perigos, banido para longe deles? Tudo isso desapareceu, perdeu-se!

40. Nada disso falou nem pensou: aguardava o final. Conhecia, ele também, a riqueza dos meios de que Deus dispõe e sua sabedoria repleta de recursos. Não somente não se escandalizou, como irradiava alegria e recebia bem os acontecimentos.

41. E Davi? Dize-me. Depois de ter sido sagrado rei, após ter recebido o domínio sobre o povo hebreu por vontade de Deus e ter alcançado o troféu contra o bárbaro, não suportou os males mais penosos? Em guerra, era alvo das ciladas de Saul, tinha a própria vida ameaçada, era enviado contra inimigos perigosos, continuamente expulso para o deserto, errante, banido, sem cidade nem casa, exilado.

42. Para que dizer mais? No fim, foi completamente expulso da pátria e do próprio país, vivia entre inimigos bárbaros e hostis e suportava a vida penosa da escravidão; faltava-lhe até o alimento indispensável. E isso, ele o suportava após a vinda de Samuel, após a unção do óleo, a promessa do reino, depois de ter recebido o cetro, a coroa, após a consagração da parte de Deus e do desígnio deste a seu respeito.

43. Todavia, não se escandalizou; também ele não disse: Por que isso? Eu que sou rei, ia gozar de tal poder, não posso nem mesmo ter a segurança de um simples particular? Acho-me errante, banido, sem cidade nem casa, exilado! Fui expulso para um país bárbaro, privado do alimento indispensável, sujeito aos piores sofrimentos, diariamente em perigo iminente. Onde estão as promessas de realeza? Onde o anúncio do poder? Não profere nem pensa nada disso. Não se escandalizou com os eventos; aguardava, ele também, a realização das promessas.

44. Poder-se-iam citar mil outros que, incorrendo em tais dificuldades, não se abalaram, mas apegaram-se à palavra de Deus, mesmo quando os acontecimentos eram contrários às promessas; devido à mais admirável paciência, teciam esplêndidas coroas. E tu também, caríssimo, aguarda o final; pois ele se realizará certamente aqui na terra ou no século futuro. Admite, em todas as ocasiões, a incompreensibilidade da providência de Deus e não digas: Como tantos erros serão corrigidos? Não te apliques a perscrutar o modo da ação maravilhosa de Deus.

CAPÍTULO 11

1. Os justos de outrora não cogitavam como e de que maneira as promessas se realizariam. Mesmo ao verificarem que tudo se achava em péssimo estado, segundo as ponderações humanas, não se abalavam, não se perturbavam; suportavam tudo com nobreza. Tendo em mira, qual prova evidente de um futuro melhor, o poder daquele que fizera a promessa, não se entregavam ao desespero ao ver o desmentido dos acontecimentos.

2. Na verdade, sabiam claramente que, sendo Deus provido em meios e sábio, as condições, no começo adversas, poderiam ser por ele restabelecidas em estado melhor que antes e os fatos prenunciados podiam realizar-se com a maior facilidade. E tu também, caríssimo, se alcanças a

solução final das tribulações, desde a vida presente, glorifica a Deus. Se as condições pioram, mesmo então, dá graças e não te escandalizes, bem ciente de que a providência de Deus é infinita, inexplicável e, seja como for, os eventos chegarão ao fim adequado, na vida presente ou na futura.

3. Se um pusilânime, ao ouvir falar do futuro, fica impaciente por ver o termo, diremos a ele que a verdadeira vida e as realidades seguras e imutáveis nos aguardam futuramente. Pois as da vida presente constituem o caminho, enquanto as da vida futura, a pátria. As coisas terrenas assemelham-se a flores primaveris, e as do alto, a rochedos inabaláveis. Lá em cima as coroas e as recompensas sem fim; lá, o prêmio do combate e da luta; aqui, as punições e os castigos penosos reservados àqueles que praticaram o mal.

4. Dirás, no entanto: Que fazer pelos que não cessam de se escandalizar? Não te referes àqueles cujo mérito é brilhante, e relembras os que usam a máscara da piedade e foram convencidos de erro! Não vês o ouro purificado? O chumbo denunciado? A palha separada do grão? Os lobos das ovelhas? Os simuladores dos que vivem na verdadeira piedade? Ao constatares os escândalos causados por eles, pensa na boa fama dos primeiros.

5. Alguns falharam; muito mais numerosos, porém, são os que ficaram de pé e reservaram para si maior recompensa por não se terem abalado nem pelo poder dos inimigos, nem pelas dificuldades dos tempos. Quanto aos que se escandalizam, reflitam no próprio caso. Com efeito, os três jovens, arrebatados do meio dos sacerdotes, do templo, do altar do sacrifício, das obrigações impostas pela Lei, abandonados num país bárbaro, continuavam a observá-la perfeitamente. Também Daniel e muitos outros. Uns, levados ao cativeiro, não haviam praticado o mal; outros, que ficaram em casa, usufruindo de todos os bens da pátria, erraram e foram condenados.

CAPÍTULO 12

1. Se procuras saber por que motivo se deram tais fatos, se não aceitas as razões inexplicáveis dos planos divinos, mas cuidas sempre de propor questões importunas, ao avançar, continuarás com muitas dúvidas. Por exemplo: Por que foram permitidas as heresias? Por que o diabo? Por que os demônios? Por que os malvados, que fazem cair um grande número? E, o pior de tudo, por que o Anticristo deve aparecer, tendo tal poder de enganar, que seus atos, conforme disse Cristo, seriam capazes de iludir, se possível fosse, os próprios eleitos?

2. No entanto, não se deve pesquisar tudo isso, e sim entregar-se à incompreensibilidade da sabedoria de Deus. O homem generoso e solidamente apoiado em Deus, mesmo se mil vagas, mil tempestades o assaltarem, não somente não sofre dano algum como torna-se mais forte; pelo contrário, o homem fraco, alquebrado e negligente, cai com freqüência, mesmo quando nada o perturba. Se queres saber qual a razão, escuta a que nos é notória. Há muitas outras para Deus, que governa por meios diferentes e variados o que nos diz respeito. Quanto ao que conhecemos, vem imediatamente em seguida.

3. Afirmamos que os escândalos são permitidos a fim de não diminuïrem as recompensas dos justos. Foi o que Deus revelou ao entreter-se com Jó, nesses termos: “Pensas que agi para contigo por outro motivo senão manifestar tua justiça?”.⁵⁷

4. Paulo também dizia: “É preciso que haja cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados”.⁵⁸ E tu, ao ouvires dizer: “É preciso que haja cisões”, não creias estar ele proferindo uma ordem ou promulgando uma lei. Não. Ele prenuncia o que há de acontecer e explica previamente que os homens vigilantes daí hão de tirar grande proveito. Pois a virtude daqueles que não se deixarem seduzir, disse ele, manifestar-se-á mais esplêndida.

5. Além disso, foi facultado aos maus agirem livremente por outra razão: a fim de que não fossem privados do bem resultante da conversão, se tivessem sido anteriormente impedidos. Deste modo Paulo foi salvo; foi assim que o ladrão, a cortesã, o publicano e muitos outros igualmente o foram. Se tivessem deixado a terra antes da conversão, nenhum deles teria sido salvo. A respeito do Anticristo, Paulo dá outra razão. Qual? Foi para suprimir desse modo todo meio de defesa dos judeus. Que escusa teriam eles, efetivamente, eles que não receberam o Cristo e acreditariam no Anticristo? Por isso disse: “e serem condenados todos os que não creram na verdade”, a saber, o Cristo, “mas antes consentiram na injustiça”⁵⁹, isto é, o Anticristo. Foi assim, com efeito, que eles afirmavam não crer em Cristo, porque ele se denominava Deus.

6. “Nós te lapidamos porque, sendo apenas homem, tu te fazes Deus”,⁶⁰ apesar de o terem ouvido muitas vezes referir-se a seu Pai, dizer que viera segundo sua vontade e comprová-lo de muitos modos. Que dirão, ao acolherem o Anticristo que se declara Deus, não relembra o Pai e acolhe tudo o que se lhe opõe? Disto Cristo os censurava, renunciando-lhes: “Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis”.⁶¹ Eis por que os escândalos foram permitidos.

7. Se falas dos que se escandalizaram, mostrar-te-ei os que daí obtiveram glória e repetirei o mesmo: não convinha que, pela negligência e preguiça de outrem, os que podiam estar atentos, vigilantes e tecer para si mil coroas ficassem em inferioridade ao se tratar das recompensas. Eles, com efeito, teriam sido lesados se não tivessem tido ocasiões de combater, mas aqueles, tendo sofrido dano, não deveriam de direito imputar sua queda a nenhum outro, senão a si próprios. Poderiam lançar-lhes condenação não somente os que não se escandalizaram, mas os que, por isso, se mostraram mais valentes e gloriosos.

CAPÍTULO 13

1. De que sacerdote dispôs Abraão? Dize-me. De que mestres? De que doutrina? De que exortações? De que conselhos? Onde não havia documentos escritos, nem lei, nem profetas, nada de semelhante. Ele navegava num mar impraticável, percorria uma estrada intransitável, originava-se de uma casa e de um pai ímpios. Entretanto, nada disso o prejudicou, mas brilhou por tanta virtude, que antecipou as que existiram muito tempo depois, após os profetas, a Lei, a admirável formação que Cristo devia dar aos homens por meio de sinais e prodígios, (2) demonstrando-as em obras: caridade autêntica e calorosa, desprezo das riquezas, solicitude paterna para com os seus. Calçou aos pés todo orgulho, renunciou a uma vida fácil e dissoluta, levando vida mais austera que os monges atuais, que galgaram

o cume das montanhas.

3. Pois não tinha casa; a este justo a sombra das árvores servia de teto e abrigo. Apesar de estrangeiro, não foi indolente na prática da hospitalidade; pelo contrário, estrangeiro como era, em país estrangeiro, exerceu a hospitalidade, acolhendo sempre os que chegavam durante o calor do meio-dia, e os servia. Não assumia tal tarefa sozinho: associava sua mulher a esta boa obra.

4. O que não fez em favor do sobrinho, embora esse não tivesse agido como convinha? Atacou os chefes, e isso após a opção pela separação. Não derramou sangue? Não armou todos os seus servos? Não se expôs a si mesmo a evidente perigo? E ao receber a ordem de deixar sua casa, ir para uma terra estrangeira, não obedeceu imediatamente, após ter abandonado a pátria, os amigos e todos os parentes, e ter obedecido ao preceito de quem lhe ordenava, deixando o conhecido e aderindo ao desconhecido, como sendo muito mais garantido por causa da promessa de Deus, o que constituía sinal de submissão e fé?

5. Em seguida, coagido pela fome, exilou-se novamente; sem se abalar, sem se perturbar, mostrava idêntica docilidade, sabedoria, igual resistência ao sofrimento, a mesma paciência. Depois partiu para o Egito e, embora fosse obediente a Deus, que tal lhe ordenava, foi-lhe roubada a mulher, e ele a viu ultrajada; por causa de sua vinda à casa do egípcio, passou por sofrimentos piores que a morte, ferido no que tinha de mais caro. O que há de mais penoso, diga-me, depois de tantas boas ações, do que ver a mulher que vos está unida pela lei do matrimônio arrebatada pela intemperança de um bárbaro, levada à corte do rei, desonrada?

6. Se não se chegou à realização, ao menos ele o receava, e suportava tudo com nobreza; nem as tribulações fizeram-no tropeçar, nem a prosperidade o encheu de orgulho; nas diferentes ocasiões, conservava igualdade de ânimo. Como? Ao lhe ser prometido um filho, não havia mil obstáculos sugeridos por raciocínios? Aquiesceu a tudo, fez calar a perturbação daí resultante e refulgiu na fé.

7. Quando, porém, recebeu a ordem de sacrificar o filho, não o levou prontamente, como se o conduzisse ao leito nupcial e como se conduzisse uma jovem a seu esposo? Ultrapassando de certo modo os limites da natureza e liberto da condição humana, oferecia um sacrifício novo e desconcertante, e sozinho travou a luta, sem auxílio da mulher, nem de um servo, de nenhum dos que o cercavam.

8. Sabia, de fato, conhecia muito bem o tamanho do escolho, o peso da ordem, a grandeza do combate. Por isso, enfrentou sozinho a corrida, correu, combateu, foi coroadado, exaltado. Que sacerdote lhe ensinou isso? Que mestre? Que profeta? Nenhum. Mas, por ter a alma bem disposta, pôde enfrentar tudo.

9. E Noé? Que sacerdote teve? Que mestre? Que guia? Quando sozinho, enquanto a terra toda estava corrompida pelo mal, ele tomou o caminho reto, praticou a virtude, resplandeceu a ponto de salvar-se a si mesmo do naufrágio da terra inteira e de subtrair a outrem, pela superabundância da própria virtude, ao perigo ameaçador. De que modo tornou-se justo? Por meio de que recursos atingiu a perfeição? Que sacerdote e que mestre teve ele? Ninguém o poderá dizer.

10. Mas o filho, apesar de ter continuamente um mestre notável, a virtude do pai, e dispusesse dos avisos expressos em palavras e atos, embora tivesse visto o andamento dos fatos, a admoestação da tribulação e a da salvação, foi maldoso para com o pai; escarneceu-lhe a nudez e entregou-o à zombaria de outros. Vês que é necessário ter, em todas as ocasiões, a alma bem disposta?

11. E Jó? Dize-me. Que profetas pôde ouvir? De que ensinamento pôde aproveitar? Nenhum. E apesar de não ter auxílio dessa espécie, deu exemplo de virtude perfeita e muito apurada; pois, se possuía bens, era para distribuí-los aos necessitados, e não somente seus bens, mas suas próprias forças físicas.

12. Com efeito, ele acolhia os viajantes em sua casa e esta lhes pertencia mais que ao proprietário. Devido a suas forças físicas, protegia os que haviam sofrido dano, e por meio da prudência e da sabedoria da palavra fechava a boca dos insolentes. A conduta de um anjo resplandecia em todos os seus atos.

13. Reflete: “Bem-aventurados os pobres em espírito”,⁶² diz Cristo. O próprio Jó o realizou em atos: “Se deneguei seu direito ao escravo ou à escrava, quando pleiteavam comigo... Que lhe responderei quando o Senhor me interrogar? Quem me fez a mim no ventre não o fez também a eles? Quem nos formou a ambos não... foi num só seio?”.⁶³ “Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a terra.”⁶⁴ Quem foi mais manso do que aquele de quem diziam os servos: “Oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!”,⁶⁵ tão ardente era a afeição que lhe dedicavam?

14. “Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados.”⁶⁶ Jó não desconheceu essa virtude. Escuta o que ele diz: “Se após ter pecado involuntariamente, ocultei meu delito aos homens, escondendo minha culpa...”.⁶⁷ Com tais sentimentos, é claro que deplorava excessivamente sua falta.

15. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.”⁶⁸ Vede com que perfeição ele o realizou: “Quebrava as mandíbulas do malvado para arrancar-lhe a presa dos dentes”,⁶⁹ “A justiça vestia-me como túnica, o direito era meu manto”;⁷⁰ “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.⁷¹ Ele não era misericordioso devido a sua fortuna, revestindo os nus, alimentando os que tinham fome, restabelecendo a viúva em seu direito, cercado de solicitude os órfãos, suavizando com boas palavras todas as fraquezas da natureza, e sim pela compaixão de sua alma diante do sofrimento.

16. “Não chorei com o oprimido, não tive compaixão do indigente?”⁷² Como se fosse o pai comum de todos, diante das tribulações de cada um, restaurava a alguns, por outros chorava, e por meio de palavras, atos, compaixão, lágrimas, de todos os modos, aliviava os infelizes, era uma espécie de porto aberto para todos.

17. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”⁷³ Isso nele se realizava de modo notável. Com efeito, escuta como Deus lhe presta testemunho: “Na terra não há outro igual; é um

homem íntegro e justo, verídico, que teme a Deus e se afasta do mal”.⁷⁴

18. “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino dos céus.”⁷⁵ Esta constituiu também para ele fonte abundante de combates e de recompensa. Efetivamente, não eram os homens que o perseguiram, e sim o demônio, chefe dos malvados, que o atacava e, tendo ativado todas as maquinações, lançou-se contra ele. Expulsou-o de casa e da pátria, lançou-o numa estrumeira, roubou-lhe todas as riquezas, os bens, os filhos, a própria saúde, e entregou-o a fome extrema. Depois do demônio foram uns amigos que propositadamente caíram sobre ele e reabriam-lhe as feridas da alma.

19. “Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande vossa recompensa nos céus”.⁷⁶ Jó usufruiu fartamente dessa bem-aventurança. Com efeito, os que o cercavam caluniavam-no dizendo que seu castigo era menor que suas faltas, infligiam-lhe acusações e discursos cheios de mentiras e calúnias.

20. No entanto, quando por sua vez estiveram em perigo, ele os arrancou aos golpes da cólera divina, não conservando rancor algum por causa do que haviam dito. Cumpria assim o mandamento: “Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”.⁷⁷ Pois eles os amou, rezou por eles e afastou a cólera de Deus, livrando-os do pecado. No entanto, não havia ouvido nem profetas, nem evangelistas, nem sacerdotes, nem mestre, nem qualquer outro que lhe desse conselhos de virtude.

21. Vês que alma nobre, como bastava-se a si mesma para a prática da virtude, mesmo sem usufruir de qualquer solícitude? Entretanto, entre seus antepassados não apenas houve alguns que não foram bons, como também existiram os que manifestaram grande maldade. É exatamente de um antepassado seu que Paulo disse: “Nem haja impuro algum, ou profano, como foi Esaú, o qual, por uma só refeição, vendeu seu direito de primogenitura”.⁷⁸

CAPÍTULO 14

1. Como foi no tempo dos Apóstolos? Dize-me. Não sucediam mil fatos semelhantes? Ouve o que afirma Paulo: “Tu sabes que todos os da Acaia me abandonaram, dentre eles Figelos e Hermógenes”.⁷⁹ Os mestres não estavam nas prisões, carregados de cadeias? Não sofreram os piores males da parte dos próximos e dos estrangeiros? Por acaso lobos temíveis não entraram depois deles e em seu lugar no redil? Paulo não o assinalava aos efésios, que chamara a Mileto?

2. Diz ele: “Eu sei que, depois de minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho, e no meio de vós surgirão homens que farão discursos perversos com a finalidade de arrastar discípulos atrás de si”.⁸⁰ Alexandre, o ferreiro,⁸¹ não lhe causou mil aborrecimentos? Atacando-o de todos os lados, combatendo-o, perseguindo-o de golpes, travou-lhe tal luta, que Paulo põe de sobreaviso o discípulo, nesses termos: “Tu, guarda-te também dele, porque se opôs fortemente a nossas palavras”.⁸²

3. A nação inteira dos gálatas não foi corrompida por alguns falsos irmãos? Nos primórdios da pregação, Estêvão, cuja eloquência fluía mais abundante que os rios e fechava a boca de todos; ele, que punha freio às línguas impudentes dos judeus, a quem ninguém podia resistir; e que confundiu as opiniões dos judeus, ergueu brilhante troféu e obteve vitória retumbante, (4) este homem nobre, sábio, cheio de graça, benfeitor de tão grande igreja, embora não tivesse se dedicado longamente ao anúncio da mensagem, foi arrastado com outros, julgado e lapidado como blasfemador. E Tiago? Não foi no começo e, por assim dizer, no obstáculo inicial, que foi abatido, teve a cabeça cortada por Herodes, para agradar aos judeus? Dessa forma terminou a vida, tal coluna e tão grande sede da verdade?⁸³

5. Quantos então se escandalizaram diante desses eventos? Todavia, os que estavam de pé, de pé ficaram. Escuta as palavras da Epístola de Paulo aos Filipenses: “Quero que saibais, irmãos, que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho: a maioria dos irmãos no Senhor, encorajados pelas minhas prisões, proclamam a palavra de Deus com mais ousadia e sem temor”.⁸⁴

6. Vês a coragem? Vês a confiança segura? Vês a energia de alma, o sábio modo de pensar? Viam o mestre encerrado na prisão, encadeado, sufocado, batido, submetido a mil suplícios, e não somente não se escandalizavam, não se abalavam, como adquiriam ardor maior, e os sofrimentos do mestre lhes incutiam maior impulso para os combates.

7. Outros, dizem, eram arrastados para sua perda. Sim; não contradigo. É muito natural que muitos se deixem seduzir diante de tais eventos, mas o que disse muitas vezes e não cessarei de afirmar, vou repeti-lo novamente: será justo, para esses homens, imputá-lo a si mesmos e não à natureza dos acontecimentos. De fato, ao partir da terra, o Cristo nos deixou essa herança, uma vez que nos diz: “No mundo tereis tribulações”,⁸⁵ e: “Sereis conduzidos à presença de governadores e reis”,⁸⁶ e ainda: “Virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus”.⁸⁷ Por conseguinte, é ocioso apresentares incessantemente como objeção aqueles que se escandalizaram, pois isso é o de sempre.

8. E por que mencionar as provações dos Apóstolos? Quantos se escandalizaram diante da cruz de nosso mestre comum a todos e tornaram-se mais malvados e insolentes? Os transeuntes zombavam e diziam: “Tu, que destróis o Templo e em três dias o edificas, a outros salvou, a si mesmo não pode salvar? Se és Filho de Deus, desce da cruz e creremos em ti!”.⁸⁸

9. A cruz, porém, não poderia constituir escusa para eles. De fato, o ladrão⁸⁹ condena a esses tais, não somente porque viu o crucificado e não se escandalizou, como porque daí hauriu razão mais determinante de procurar a verdadeira sabedoria, e tendo ultrapassado as coisas humanas, suspenso pela asas da fé, meditava sobre os bens futuros.

10. Apesar de ter visto o Cristo crucificado, flagelado, injuriado, sorvendo fel, coberto de escarros, escarnecido por todo esse povo, condenado por um tribunal, arrastado à morte, nada o escandalizou. Viu a cruz, os cravos fincados e a multidão corrupta a zombar dele; seguiu, contudo, o caminho reto, dizendo: “Lembra-te de mim em teu reino”.⁹⁰

11. Ele fechava a boca dos que pronunciavam palavras injuriosas, confessava as próprias faltas, meditava na ressurreição, e isso sem ter visto os mortos ressuscitados, os leprosos curados, os coxos andarem corretamente, o mar apaziguado, os demônios expulsos, os pães multiplicados e os outros milagres testemunhados pelo povo judeu, que, aliás, apesar de tê-los visto, não deixou de crucificá-lo.

12. O ladrão, contudo, vendo o crucificado, confessou a Deus, lembrou-se de seu reino e meditou na eternidade. Os judeus, ao contrário, que o haviam visto operar milagres, que haviam aproveitado do ensino ministrado em palavras e atos, não somente não tiraram proveito, como foram arrastados ao mais profundo abismo para sua perda, tendo erguido a própria cruz.

13. Vês que os insensatos e descuidados não tiram vantagem do que lhes é útil, mas que os bem-dispostos e vigilantes muito lucram com os mesmos acontecimentos que escandalizam os demais? É possível verificá-lo a propósito de Judas e de Jó. Judas não se salvou nem mesmo por meio de Cristo, que reconduziu ao reto caminho a terra inteira; Jó, porém, não sofreu dano algum da parte do diabo, embora este tivesse causado a ruína de tantos.

14. Um, suportando mil provas, foi coroado. O outro, que vira milagres e ele próprio os operara, ressuscitara mortos, expulsara demônios – pois ele também recebeu este poder –; ele que ouvira tantas coisas sobre o reino e a geena, participara da mística ceia, tomara parte no festim que inspira temor religioso, fora favorecido com a mesma benevolência e solicitude que Pedro, Tiago e João, e até muito mais, (15) – porque, além do cuidado e da condescendência de que fora cumulado, foram-lhe confiados os bens dos pobres – justamente este homem, em seguida, foi tomado de desvario e, tendo-se submetido a Satanás pela avareza, tencionou tornar-se traidor e perpetrou o maior dos crimes: vendeu por trinta moedas tal sangue e traiu o mestre com pérfido beijo.

16. Quantos, pensas tu, não se escandalizaram diante da traição de tal discípulo? Como? Quantos, pensas, não se escandalizaram quando o habitante do deserto, nascido de mulher estéril, filho de Zacarias, julgado digno de batizar a cabeça santa que despertava terror respeitoso, e merecera ser o precursor de seu próprio mestre, foi aprisionado e decapitado, e este assassinato tornou-se o salário de uma dança luxuriosa?

17. E por que digo: então? Quantos, muito tempo depois, ao ouvirem essa narrativa ainda agora não se escandalizam? E por que falar de João, da prisão, desse assassinato, por que deter-me com os servos, quando convinha retirar-me para junto do senhor?

CAPÍTULO 15

1. A cruz de Cristo, que restaurou o mundo, dissipou o erro, transformou a terra em céu, enervou a morte, inutilizou o inferno, destruiu a cidadela do diabo, fechou a boca dos demônios, dos homens fez anjos, destruiu altares, demoliu templos, implantou na terra esta religião nova e surpreendente, autora de mil benefícios que suscitam respeitosa admiração, grandes e dificilmente adquiridos, não causou escândalo para muitos?

2. Paulo não o proclama a cada dia e testemunha sua confusão: “Nós, porém, vos anunciamos Cristo

crucificado, para os judeus escândalo, para os gentios loucura”?⁹¹ Como? Dize-me. Convinha que a cruz não existisse e esse sacrifício terrível não fosse oferecido e tão belas ações não fossem realizadas, porque se tornou escândalo para os que se perderam então, no tempo subsequente e em todas as épocas?

3. Quem seria tão louco, tão insensato para afirmá-lo? Efetivamente, não se deve levar em conta os que se escandalizaram, embora fossem tão numerosos, e sim os que foram salvos, os que foram reconduzidos ao caminho reto, os que tiraram proveito de tal sabedoria. Não se deveria dizer: Que importa os que se escandalizaram? De fato, deviam imputar a falta apenas a si mesmos. E acontece o mesmo ainda agora.

4. No entanto, o escândalo não é oriundo da natureza da cruz, e sim da loucura dos que se escandalizam. Por este motivo, acrescenta Paulo: “Mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”.⁹² Ora, uma vez que o sol faz mal aos olhos frágeis, não deveria existir o sol? O mel parece amargo aos doentes. E então? Dever-se-ia fazê-lo desaparecer? Os Apóstolos não foram para uns odor de morte a acarretar morte, para outros odor de vida a gerar vida? Por causa dos que morreram os que vivem não haverão de utilizar-se de tão grande auxílio?

5. Quantos não ficaram acabrunhados com a própria vinda de Cristo, a nossa salvação, a fonte dos bens, a vida, as maravilhas inumeráveis? Quantos, por causa disso, não foram privados de escusa e perdão? Não ouves o que disse Cristo a respeito dos judeus? “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado, mas agora não têm escusa para seu pecado”.⁹³

6. Como? Ele não deveria vir por que as faltas ficariam sem escusa devido a sua vinda? Quem ousaria afirmá-lo? Ninguém, nem mesmo os que estão inteiramente fora de si. Além disso, quantos não há, dize-me, para os quais as Escrituras são motivo de escândalo? Quantas heresias nelas encontraram sua própria razão de ser? Dever-se-ia então suprimir as Escrituras por causa dos que se escandalizaram? Ou que não fossem transmitidas desde o começo? Certamente que não. Justamente era necessário que fossem dadas aos que delas tirariam proveito.

7. Os que se escandalizam – não cessarei de repetir os mesmos argumentos – imputem a si mesmos os escândalos. Pois os que das Escrituras deviam retirar as maiores vantagens teriam sofrido prejuízo considerável se, por causa da ignorância e negligência dos outros, fossem privados do que lhes seria tão útil. Não me fales dos que se perdem, pois, assim como disse num texto precedente, ninguém que não se prejudique a si mesmo pode sofrer dano da parte dos outros, mesmo se sua vida está em perigo.

CAPÍTULO 16

1. Em que Abel foi lesado? Dize-me. Não foi abatido pela mão do irmão, sofrendo morte prematura e violenta? Contudo, não lucrou com isso, pois que cingiu uma coroa mais brilhante? Em que Jacó foi lesado, ele que sofreu tantas perseguições da parte do irmão, sem pátria, exilado, fugitivo, escravo e em estado de inanição?

2. Em que José foi lesado, ele também sem pátria, sem casa, prisioneiro, escravo, carregado de cadeias, exposto aos últimos perigos, no seio da família e no estrangeiro, sujeito a tantas calúnias? Em que foi prejudicado Moisés, lapidado por tamanha multidão mil vezes, cercado dos ardis de seus beneficiados? Em que sofreram detrimento todos os profetas, aos quais os judeus infligiram tantos males? Que dano atingiu a Jó, combatido por mil artifícios do diabo?

3. E os três jovens? E Daniel, exposto a perigos extremos em sua vida e liberdade? E Elias, que vivia em extrema pobreza, expulso, prófugo, habitante dos desertos, incessantemente fugitivo, emigrante? Em que foi lesado Davi, que suportou tantos maus-tratos da parte de Saul e finalmente do próprio filho? Não se tornou mais ilustre por ter suportado os piores males do que ao fruir de prosperidade?

4. O que perdeu João por ter sido decapitado? E os Apóstolos, uns decapitados, outros entregues a diferentes tormentos? Em que foram danificados os mártires, cuja alma suportou ruptura por terríveis torturas? Não emitiram todos eles o máximo fulgor ao serem ameaçados, cercados de insídias e resistirem nobremente aos piores suplícios?

CAPÍTULO 17

1. Ao celebrarmos nosso comum Senhor por toda espécie de motivos, não o celebramos principalmente dando-lhe glória, tomados de espanto diante da cruz, esta morte maldita? Paulo a todo instante não aponta sua morte como sinal de amor por nós? Morrer pelos homens, tais quais são? Deixa de se referir ao céu, à terra, ao mar, a tudo o que Cristo fez por nosso bem e alívio e sempre retorna à cruz, dizendo: (2) “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores”.⁹⁴ Em conclusão, sugere-nos as mais belas esperanças, nesses termos: “Pois, se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos por sua vida”.⁹⁵

3. E não é principalmente por esse motivo que ele próprio se regozija, sente-se altivo, salta, expande-se alegremente, ao escrever aos gálatas: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”?⁹⁶ Por que te admiras se Paulo por isso salta, pula, alegra-se? Aquele mesmo que suportou esses padecimentos chama de glória o suplício. Diz ele: “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho”.⁹⁷

4. E o discípulo que escreveu isso dizia: “Pois ainda não lhes fora dado o Espírito Santo, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”,⁹⁸ chamando de glória a cruz. E quando quis demonstrar o amor de Cristo, de que falou? Dos milagres? De suas maravilhas? De certos prodígios? Absolutamente, não. Menciona a cruz, dizendo: “Deus tanto amou o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁹⁹ (5) E Paulo ainda assegura: “Quem não poupou seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos há de agraciar em tudo juntamente com ele?”.¹⁰⁰ E, ao incitar-nos à humildade, é daí que extrai sua exortação, nesses termos: “Pelo conforto que há em Cristo, pela consolação que há no amor, pela comunhão do Espírito, por toda ternura e compaixão, levai à plenitude minha alegria pondo-vos em acordo no mesmo sentimento, no mesmo

amor, numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo”.[101](#)

6. Em seguida, à maneira de conselho, acrescenta: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: ele tinha a condição divina e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz”.[102](#)

7. Fazendo de outra vez uma exortação sobre a caridade, volta ao assunto: “Amai-vos uns aos outros, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave”.[103](#) E para unir em bom relacionamento as mulheres e os maridos, assim se exprime: “E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”.[104](#)

8. E ouve como o próprio Cristo, mostrando quanto a cruz constituía sua principal solicitude e quanto amava o sofrimento, designou o primeiro dos Apóstolos, o fundamento da Igreja, o corifeu do coro dos discípulos que lhe dissera, em sua ignorância: “Piedade, Senhor! Isso jamais te acontecerá!”. Escuta a resposta: “Arreda-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço!”.[105](#) Pela injúria e pela reprimenda excessivas, ele acentuava a enorme importância que atribuía à cruz.

9. Ele quis que a ressurreição se realizasse às escondidas e em segredo. Deixava ao conjunto dos séculos seguintes a tarefa de a provar. A cruz, porém, foi no meio da cidade, em plena festa, entre o povo judeu, quando funcionavam dois tribunais, o dos romanos e o dos judeus, quando a festa reunia a todos, em pleno dia, em comum espetáculo para a terra inteira.

10. E como somente os presentes podiam ver o que se passava, ele ordenou ao sol que anunciasse a todos os pontos da terra, eclipsando-se, o que ele não hesitara em fazer. E certamente, apresso-me a declará-lo, foi um escândalo para muitos. Mas, estes não nos importam, e sim os que se salvaram, os que agiram bem.

11. Por que te admiras se, na vida presente, a cruz é bastante fulgurante para que Cristo a denomine sua glória e Paulo se glorifique por causa dela? No dia terrível, que dá calafrios, quando ele vier em sua glória, vier na glória do Pai, quando se erguer o terrível tribunal, quando comparecer todo o gênero humano, quando rios de fogo estiverem efervescentes, quando as multidões de Anjos e de Potências do alto descerem em fileiras cerradas com ele, quando houver milhares de recompensas, quando uns brilharem como o sol, os outros como astros, (12) quando grupos de mártires, coros de apóstolos, fileiras de profetas, conjuntos de homens generosos apresentarem-se publicamente, então, sim então, nesse esplendor, nessa manifestação geral, ele virá, trazendo a cruz que emite raios brilhantes. Diz a Escritura: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem. O sol escurecerá, a lua não dará sua claridade”,[106](#) o sinal da cruz aparecerá.

13. Ó paixão resplandecente, ó cruz fulgurante! O sol escurece, os astros caem como folhas, mas a

cruz brilha mais resplandecente do que todos eles, a abranger o céu inteiro. Vês como o Senhor se regozija? Vês como revela sua glória, mostrando-a nesse dia à terra inteira com tamanho resplendor?

CAPÍTULO 18

1. E tu, se vires alguns se escandalizarem com esses acontecimentos, reflete primeiro que o escândalo não se origina dos fatos ou, mais propriamente, da fraqueza deles. Demonstram-no muito bem os que não experimentam tais sentimentos. Em seguida, tende em vista que muitos com isso tornaram-se mais ilustres, glorificando a Deus e dando-lhe graças fervorosas por causa desses eventos. Não olha os que ficam abalados, mas os que resistem de modo estável, que ficam imperturbáveis e desse modo se fortificam. Não cogites dos que se agitaram, e sim dos que navegam através das tempestades e são muito mais numerosos do que os que se deixam arrastar. Mesmo no caso de serem estes últimos mais numerosos, melhor seria um só homem cumpridor da vontade de Deus que mil transgressores.

CAPÍTULO 19

1. Lembra-te dos que cingiram a coroa do martírio. Uns foram flagelados, outros lançados na prisão, outros acorrentados como malfetores, outros expulsos da pátria, outros privados de seus bens, outros emigraram para países além das fronteiras, outros foram decapitados; na realidade uns, outros em expectativa.

2. Pois, enquanto as espadas saíam da bainha, afiavam-se os gládios, diariamente faziam-se ameaças, e alguns começavam por respirar furor, preparavam morticínios e toda espécie de castigos e suplícios; eles não se dobravam, não cediam; firmavam-se inabaláveis na rocha, preferindo fazer tudo e tudo sofrer a participar da injustiça dos que ousavam cometer tais ações; e não eram apenas homens, mas também mulheres.

3. De fato, as mulheres enfrentaram esse combate e comportaram-se com maior coragem que os homens. Não só as mulheres, mas ainda jovens e crianças pequenas. É pouco, dize-me, que a Igreja tenha lucrado tão grande multidão de mártires? Pois todos foram mártires. Não apenas os que foram arrastados ao tribunal, receberam ordem de sacrificar e não obedeceram, e sofrendo o que sofreram, tornaram-se mártires, mas também os que aceitaram suportar algo, fosse o que fosse, para agradar a Deus; e se o problema for atentamente examinado, antes estes últimos do que aqueles.

4. Na verdade, não é a mesma coisa ser ameaçado de morte e de ruína da alma, e aceitar sofrer seja o que for para não perdê-la, e sujeitar-se ao mesmo suplício por um bem de menor valia. Não somente aqueles que foram decapitados, mas os que se dispuseram e estavam prontos a sofrer tal pena cingiram a coroa do martírio. Eu o assegurei anteriormente: aquele que foi decapitado por motivos menos graves é também mártir perfeito. Tentarei mostrá-lo pela voz de Paulo.

5. Começou o bem-aventurado Paulo por enumerar os que entre os antigos se destacaram; nomeia primeiro Abel, chega a Noé, a Abraão, Isaac, Jacó e continua: “Portanto, também nós, com tal nuvem de testemunhas ao nosso redor...” [107](#)

6. Ora, nem todos foram degolados; ou melhor: nenhum, exceto dois ou três, Abel e João; os demais tiveram morte natural. E o próprio João não foi decapitado por ter sido constrangido a sacrificar e haver recusado, nem por ter sido arrastado diante de um altar ou ídolo, mas por ter proferido uma só palavra. Na verdade, foi porque declarou a Herodes: “Não te é permitido ter por mulher a mulher de teu irmão Filipe”¹⁰⁸ que viveu na prisão e foi-lhe infligido tal suplício.

7. Se aquele que condenou a união ilegítima, na medida do possível, porque não conseguiu corrigir o mal (somente o denunciou, não teve poder de eliminá-lo); se, portanto, proferiu uma só palavra e se limitou a isso, tornou-se mártir, e o primeiro dos mártires, por ter tido a cabeça cortada; aqueles que receberam tantos ferimentos, que estiveram prontos para lutar não só contra Herodes, mas contra os poderosos da terra inteira, e não apenas se opuseram a um casamento ilegítimo, mas defenderam as leis ancestrais e as instituições da Igreja então menosprezadas, e por palavras e atos mostraram audácia e confiança, cotidianamente expostos à morte, homens, mulheres e crianças, não seria justo incluí-los no coro dos mártires?

8. Também Abraão, apesar de não ter matado na realidade o filho, teve a intenção de matá-lo e ouviu do alto do céu a palavra: “Tu não me recusaste teu filho, teu único”.¹⁰⁹ E geralmente a intenção, se inspirada pela virtude, recebe em plenitude a coroa.

9. Se assim foi exaltado por não ter poupado o filho, imagina o salário que receberão os que não se pouparam a si mesmos, enfrentando tal luta, não durante um ou dois dias e sim a vida inteira, perseguidos por injúrias, ultrajes, ameaças, denúncias. Na verdade, não é pouco. Por isso Paulo demonstra em tais circunstâncias grande admiração, dizendo: “Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam”.¹¹⁰

10. O que acrescentar sobre os que foram mortos suportando tais provações e ungiendo-se para a luta, homens e mulheres? Com justeza Paulo os admira. Efetivamente, muitos deram a fortuna para que prisioneiros e exilados tivessem algum alívio em tão grande penúria. Ao sofrerem rapina de seus bens, acolheram esta privação com alegria, atendendo à palavra do Apóstolo. Alguns foram banidos da pátria e outros perderam a vida.

11. Se vires, portanto, tais riquezas, lucros, objetos trazidos para a Igreja, tais tesouros acumulados, e ainda aqueles, outrora fracos, se tornarem mais ardentes que o fogo; os que não deixavam os teatros partirem para o deserto, transformarem vales e montanhas em outras tantas igrejas; e na carência de quem pudesse ali guiar o rebanho, as próprias ovelhas audaciosamente confiantes e corajosas preencherem o ofício de pastores, os soldados o de chefe, e todos com o conveniente fervor, zelo e exemplar conduta celebrarem os ofícios, não te acometerão espanto e admiração pelos atos de virtude que os fatos ocasionaram?

12. Na verdade, não foram somente os que levavam vida honesta; muitos dos que passavam o tempo nos teatros e freqüentavam os hipódromos, purificados pelo calor de fogo violento, desistiram inteiramente de sua loucura. Eles se precipitaram, por assim dizer, contra as espadas, confiantes e

audaciosos diante dos magistrados, menosprezando as tribulações, rindo-se das ameaças, demonstrando a força da virtude, e que é possível ao inteiramente perdido, por meio do arrependimento e da conversão, adquirir a certeza de atingir o alto dos céus.

13. Se vês tantas recompensas, tais coroas entretecidas, tal ensinamento difundido, donde vem, diz-me, que tu te escandalizes? – É por causa dos que se perdem, eis a resposta. Entretanto – já disse e não desistirei de repetir – atribuem a si próprios a causa de sua ruína! Nosso discurso tentou mostrá-lo de todos os modos. Mencionarei ainda outra vantagem. Quantos usavam em toda parte a máscara da piedade, quantos a de doçura fingida, quantos eram tidos por grandes homens e não o eram, foram inteiramente desmascarados no tempo presente. Os artifícios de sua sedução desabaram e eles se revelaram tais quais eram, e não conforme fingiam e simulavam.

14. Não é pequeno lucro, e sim importante vantagem para quem está atento ao próprio bem, distinguir os que usam peles de ovelhas e não misturar lobos assim dissimulados com verdadeiras ovelhas. As condições presentes constituem uma fornalha que permite discernir, entre as peças de moedas, as de bronze, fundindo o chumbo, queimando a palha e fazendo parecerem de maior valor as matérias preciosas. Isto o demonstra Paulo ao dizer: “É preciso que haja mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são de virtude comprovada”.[111](#)

CAPÍTULO 20

1. Nada disso te escandalize, nem o sacerdote que em sua perversidade devasta o rebanho com mais ferocidade que um lobo, nem o detentor do poder que revela grande crueldade. Lembra-te de que na época dos Apóstolos houve acontecimentos ainda mais penosos.

2. O detentor do poder era um “mistério da impiedade”,[112](#) conforme o denominou Paulo. Entregava-se ao mal sob todas as suas formas e era dotado de suma maldade. No entanto, não prejudicou nem à Igreja, nem àqueles homens cheios de nobreza, mas fê-los mais ilustres. Quanto aos sacerdotes judeus, eram tão perversos e malvados, que Cristo recomendou ao povo que se precavesse de imitá-los.

3. Disse o Salvador: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis suas ações”.[113](#) Ora, o que poderia haver de pior do que sacerdotes cujo exemplo perderia os que os imitassem? Mas, embora os poderosos de então fossem tais, os que se ilustraram e foram coroados não sofreram dano algum; pelo contrário, obtiveram maior glória. Ninguém fique, portanto, fora de si por causa dos acontecimentos. Sem dúvida, de toda a parte advieram tribulações, dos próximos e dos estrangeiros, que pesaram como um jugo sobre os que são vigilantes.

4. Por isso, Paulo, vendo as nuvens precursoras de perigos a amontoarem-se sobre eles e receoso de que alguns discípulos ficassem perturbados, escreveu: “Enviamos Timóteo para que ninguém desfalecesse nestas tribulações. Pois bem sabeis que para isso é que fomos destinados”.[114](#) Ele quer dizer o seguinte: (5) nossa vida, seqüência natural da vida apostólica, consiste em sofrer milhares de tribulações. O que significa: “para isso é que fomos destinados”? Assim como as mercadorias são

transportadas para serem vendidas, a vida apostólica é feita para suportar injúrias, ser maltratada, não poder jamais tomar fôlego, obter uma pausa.

6. E os que são vigilantes, não somente não sofrem dano algum, como ainda lucram. Por esta razão, depois de saber que eles se comportaram nobremente, Paulo se admira; e de alguns outros assegura que, diante de suas prisões e cadeias, destemidos, ousam bem mais ao anunciar a palavra.

7. E Moisés? Dize-me. No meio duma nação bárbara, Deus não permitiu que uns magos exibissem prodígios? Paulo não menciona essa história? “Do mesmo modo como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também estes se opõem à verdade.”¹¹⁵ Por conseguinte, jamais faltaram escândalos; também não os que por meio deles mereceram a coroa. Reflete nisso e não só: reflete no lucro que dessa questão se originou.

8. Pensa também que existem outras razões misteriosas para tais acontecimentos – pois não nos é possível estar a par de tudo – e que posteriormente estes haverão de mudar para melhor e trarão maiores imprevistos, da mesma forma que, relativamente a José, no começo houve dificuldades e durante muito tempo os fatos se sucediam, aparentemente opostos à promessa, mas enfim superaram a expectativa. No tocante à cruz, não foi logo, no início; não foi no começo que o bom êxito vingou; primeiramente produziu-se um escândalo. Alguns sinais surgiram somente para suscitar espanto e corrigir os que ousaram agir de modo criminoso, mas em breve tudo desapareceu.

9. Se o véu do templo então se rasgou, os rochedos se fenderam, o sol se obscureceu, esses prodígios realizaram-se num só dia e caíram no esquecimento para a maioria. Logo depois os Apóstolos tiveram de fugir, atacados por perseguições, luta e ciladas; ficavam ocultos, escondidos, temerosos, e foi assim que anunciavam a palavra. E o povo judeu manifestava prepotência, arrastando, dispersando, maltratando, atormentando os fiéis. Com efeito, os judeus tinham os poderosos consigo, e a cada dia arrastavam e dispersavam os Apóstolos.

10. E por que falar do povo judeu e dos poderosos? Um fabricante de tendas que passava o tempo ocupado com peles, Paulo – o que existe de mais simples que um fabricante de tendas? – foi assediado de tal loucura, que arrastou violentamente homens e mulheres e os meteu na prisão. E aquele que fora crucificado suportava tudo isso. Considera, no entanto, como na continuação, o que fora perseguidor ultrapassou a todos; seu comportamento brilhou mais que o sol e encheu a terra inteira.

CAPÍTULO 21

1. Dizes: por que no Antigo e no Novo Testamento há tantos perigos, provas, ciladas? Ora, aprende qual a causa de tudo isso. Qual, então, é a razão? A vida presente é arena, ginásio e luta, cadinho, tinturaria onde se retempera a virtude. Como os curtidores tomam as peles, primeiro comprimem, depois estendem, golpeiam, batem contra paredes e pedras e por mil outros processos adaptam-nas para receber a tintura, conseguindo assim uma bela cor; (2) como os ourives jogam o ouro no fogo e o entregam à prova do cadinho para purificá-lo mais; como os instrutores na arena esforçam-se no treino dos atletas, atacando-os com mais violência que os adversários para fortificar totalmente, durante o exercício, o corpo dos alunos em vista de estarem aptos a lutar, prontos a afrontar os ataques

dos inimigos e vencê-los facilmente; Deus age de modo idêntico na vida presente.

3. Querendo preparar a alma a uma virtude adaptada a seus fins, ele a angustia, joga no cadinho, entrega à provação dos sofrimentos, para reprimir os desencorajados e desanimados, e permitir aos que foram comprovados que se façam ainda melhores, inacessíveis às insídias do demônio, às ciladas do diabo, e todos assaz dignos dos bens futuros.

4. De fato, conforme se diz, o homem que não foi provado, não tem valor. E Paulo: “A tribulação produz a paciência, e a paciência uma virtude comprovada”.¹¹⁶ No intuito de fazer com que os homens se tornem mais fortes e mais pacientes, Deus, por todos os meios, permite seja examinada a moeda.

5. Por conseguinte, se permitiu sofrer Jó o que sofreu, quis revelar sua resistência na tribulação e fechar a boca do diabo. Se enviou Apóstolos foi para torná-los mais valorosos e revelar desse modo seu próprio poder; de fato, não se trata de questão insignificante. Por isso também declarava a Paulo que procurava repouso e libertação dos males que o cercavam: “Basta-te minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”.¹¹⁷

CAPÍTULO 22

1. Quanto aos que ainda não acolheram a mensagem do cristianismo, tiram dessas provações maior proveito, se são vigilantes. Cogita como admiram os homens, antigos e atuais, esses extraordinários atletas ao vê-los injustiçados, injuriados, aprisionados, difamados, vítimas de insídias, dilacerados, queimados, afogados e não recuarem diante de perigo algum. Dessa forma, os eventos não são causa de escândalo para os que são vigilantes, e sim oportunidade de mais vasto aprendizado.

2. Foi por isso que Paulo ouviu as seguintes palavras: “É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”.¹¹⁸ É possível verificar isso tanto no Antigo como no Novo Testamento. Considera, portanto, o pesar de Nabucodonosor, vencido na presença de seu exército por três jovens escravos, prisioneiros, amarrados e expostos ao fogo, pois não pôde superar os três seres reduzidos à escravidão, sob seu domínio, privados de pátria, liberdade, honra, poder e riqueza, e longe dos seus. Se não tivesse sobrevivendo este incêndio, não existiria tão grande recompensa, nem tão esplêndida coroa.

3. Medita nos sentimentos de Herodes, convencido de culpa por um prisioneiro, e verificando que os liames não diminuían sua corajosa audácia, mas que ele preferia ser decapitado a perder sua magnífica liberdade de expressão.

4. Pondera qual dos homens daquela época e dos tempos subseqüentes que, ao ver e ouvir isto, mesmo se completamente abatido, porém dotado de certo entendimento, não retiraria do fato o maior proveito? Não me fales desses miseráveis insensatos, dos estúpidos, carnais e mais leves que as folhas. Eles caem não somente sob aquelas provações, mas diante de qualquer obstáculo, como o povo judaico que comia o maná e o pão e continuava sempre tão difícil de contentar, quer no Egito ou fora dele, quer estivesse Moisés presente ou ausente.

5. Apresenta-me, contudo, homens vigilantes, despertos, e pensa no proveito que sem dúvida daí retiram, diante desta alma invencível, da sabedoria em nada servil, da língua cheia de corajosa audácia, do habitante do deserto vencedor do rei, do prisioneiro que não cede, da cabeça decepada que não se cala. Não te detenhas; examina o que vem logo após.

6. Herodes decapitou-o; João foi decapitado. A quem, no entanto, todos proclamam bem-aventurado? Qual o que desperta inveja? Quem é apregoadado? Quem é coroado? Quem é elogiado? Quem é louvado? Quem é admirado? Quem ainda hoje denuncia a culpa?

7. Não se exclama em cada Igreja: “Não te é permitido ter por mulher a mulher de Filipe, teu irmão”, [119](#) enquanto, por seu turno, o rei é estigmatizado mesmo após a morte por causa do adultério, da injustiça, da audácia? De acordo com o que foi dito, verifica a força do prisioneiro e a fraqueza do tirano.

8. O primeiro não possui força suficiente para refrear uma só língua, mas, ao suprimi-la, por causa dela e substituindo-a, abrem-se milhares de bocas; o segundo, ao contrário, logo após o crime, atemorizou o rei. O medo transtornou a consciência do assassino a ponto de acreditar ter João ressuscitado dos mortos e operado milagres. Agora e posteriormente sempre, na terra inteira, João o denuncia, por si mesmo ou por intermédio de outros.

9. Com efeito, todo aquele que lê o Evangelho diz: “Não te é permitido ter por mulher, a mulher de Filipe, teu irmão”. Mesmo se não leres o Evangelho, nas conversas e reuniões realizadas nas casas, na praça, em todos os lugares, mesmo se fores à Pérsia, às Índias, à Maurítânia ou a qualquer parte da terra sob o sol, até os confins do mundo, ouvirás esta voz, verás esse justo a exclamar até hoje em alta voz, fazendo-se ouvir, condenando a maldade do tirano. Não é reduzido ao silêncio, nem desvanece com o decurso do tempo sua acusação.

10. Que mal o termo da vida causou a este justo? Que pôde lhe trazer esta morte violenta? Que lhe ocasionaram as cadeias, a prisão? Quantos ele não recolocou no caminho reto, contanto que fossem sensatos, através das palavras, dos padecimentos, daquilo que até hoje proclama e é idêntico ao que dizia durante a vida? Não me digas: o que lucrou com a morte? Pois adveio-lhe não a morte, e sim a coroa; aquele não era o termo, e sim o início de uma vida melhor. Aprende a reagir com sabedoria e não apenas nada te poderá prejudicar, como ganharás as maiores recompensas.

11. Que sucedeu com a mulher egípcia? Não acusou? Não denunciou? Não aprisionou o justo? Não o jogou na prisão? Não deixou iminente sobre ele o pior dos perigos? Não o fez desaparecer, ao menos quanto lhe era possível? Não o envolveu em má reputação? Por conseguinte, em que o prejudicou, naquele momento ou agora? De fato, da mesma forma que carvões ardentes, se recobertos de palha, no começo parecem escondidos, mas logo devoram de uma só vez o que foi colocado por cima, porque a própria palha faz com que a chama se levante mais alto, assim a virtude, embora aparentemente cumulada de injúrias, ao final, por causa dos próprios obstáculos, mais desabrocha e eleva-se até o céu.

12. O que há de mais feliz que este jovem, devido à denúncia, às insídias que lhe foram armadas, e não

em vista do trono do Egito nem da realeza que ali obteve? Efetivamente, em toda parte, aos sofrimentos são reservadas a glória, a estima, as coroas; todos não os cantam pela terra inteira?

13. A longa duração do tempo não permitiu que sua lembrança fenecesse; as imagens de sua virtude e sabedoria encontram-se por toda a terra mais brilhantes e permanentes que as estátuas de reis, entre os romanos, nas regiões dos bárbaros, na consciência e na boca de todos.

14. Todos nós o vemos prisioneiro, reduzido à obediência, aconselhando à miserável e infeliz devassa, fazendo o possível para salvá-la, obrigando-a a enrubescer, extinguindo a fornalha, esforçando-se por arrancá-la à tempestade terrível e reconduzi-la à serenidade. Em seguida, quando a tempestade se levantou e o navio submergiu, enquanto ela soçobrava, vemo-lo escapar das vagas e refugiar-se no rochedo inabalável da sabedoria, abandonar as vestes nas mãos desta mulher, mais esplêndido em seu despojamento que os homens revestidos de púrpura e, como uma espiga ou um troféu fulgurante, erguendo o troféu da sabedoria.

15. Nesses eventos, não perdemos de vista sua lembrança; indo adiante, vemo-lo novamente conduzido à prisão, agrilhado, vivendo na imundície e consumindo-se ali por muito tempo. É sobretudo por isso que o admiramos, proclamamo-lo bem-aventurado, ficamos admirados, louvamo-lo. Se alguém é sábio, ao pensar em José, torna-se mais sábio; se suas paixões estão desencadeadas, a narrativa o conduz à sabedoria e a história torna-o melhor.

16. Ao ler tudo isso, não fiquéis comovidos: tirai proveito do que aconteceu. A paciência dos que lutam seja para vós um mestre de resistência. Ao verificardes que a vida inteira de homens nobres e elevados é entretecida de tais padecimentos, não fiquéis desconcertados nem perturbados diante das provações de cada um ou da comunidade. Ora, foi assim desde o começo, quando a Igreja foi nutrida e cresceu. Não vos admireis. Nada de extraordinário.

17. Na vida corrente, não é onde existe palha, feno e areia, e sim onde há ouro e pérolas que os piratas, os bandidos, os ladrões, os perfuradores de paredes causam incessante tumulto e fazem tentativas. Igualmente o diabo, onde vê riquezas espirituais acumuladas e alentada piedade, põe-se em ação e avança com artifícios. Porém, se as vítimas destes ataques são vigilantes, não somente em nada são superados como acumulam maior tesouro de virtudes. Foi o que sucedeu atualmente.

CAPÍTULO 23

1. Poder-se-ia considerar tudo isso como grande sinal dos grandes feitos acumulados pela Igreja e de sua coragem. Quando a viu o maligno demônio florescente, estimada, em breve tempo elevada a grande altura; zelosa, ao verificar a tendência para o bem dos que já eram de vida comprovada; a conversão para o arrependimento dos que viviam no pecado; a terra inteira a freqüentar a escola desta cidade, ele movimentou todos os artifícios e acendeu lutas intestinas.

2. Quanto a Jó, o demônio provocou contra o justo ora a perda dos bens, ora a privação dos filhos, ora o péssimo estado de saúde, ora a língua da mulher, ora as injúrias, os escárnios, os insultos dos amigos; de igual modo, relativamente à Igreja, é por intermédio de amigos, de inimigos, dos clérigos

em ofício, dos arrolados no exército, dos que possuíam a honra do episcopado, de múltiplas e variadas personagens que ele acionou tudo o que dele dependia.

3. Tendo, porém, urdido tantas ciladas, não somente não a conseguiu abalar como a tornou ainda mais brilhante. Enquanto não fora perseguida, não educou tão bem os homens quanto agora ensina a terra inteira a autodominar-se, a vencer as paixões, a suportar as tentações, a demonstrar paciência, a desprezar as coisas mundanas, a não fazer caso das riquezas, a rir-se das honras, a desprezar a morte, a menosprezar a vida, a não levar em conta pátria, parentes, amigos, pais, disposta a receber qualquer ferida, a precipitar-se sobre as espadas, a julgar todas as grandezas da vida presente, isto é, honras, glória, poder, luxo, como as mais frágeis flores primaveris.

4. E não é apenas um homem que ensina isso, nem dois ou três, mas um povo inteiro, por palavras, bem como por atos, pelos sofrimentos, as vitórias, o triunfo sobre as insídias, a resistência oposta a tudo, mais forte que o diamante e mais dura que a rocha, sem utilizar armas, sem declarar guerra nem lançar dardo ou flecha, mas cada qual cercado pela muralha da paciência, da harmonia, da doçura, da coragem, inculcando vergonha, por meio de seus sofrimentos, àqueles que lhes infligiram.

CAPÍTULO 24

1. Agora, em todo o caso, alguns de rosto radiante, visão desimpedida e indizível audácia perambulam na praça, vivem em casa, comparecem à sinaxe; outros, porém, que cometeram más ações, dissimulam-se sob cada um de seus embustes, com a consciência interiormente pesada, trêmulos, temerosos e andam assim por toda parte.

2. À semelhança de animais ferozes que dificilmente são mortos e que, após o primeiro ou segundo ferimento, precipitam-se com maior ímpeto sobre a ponta das lanças, fazendo mais duro o golpe sob o peso do ataque, enquanto as feridas penetram até as entranhas, e assim como as vagas, que se quebram contra os rochedos, sob seu próprio impulso desaparecem e desvanecem, assim esses homens, pelas ciladas que tramam, para si mesmos cavam um abismo, e não para os outros.

3. Pois os primeiros, sujeitos a hostilidades na terra inteira, são amados, louvados, admirados, apregoados, coroados por aqueles que os conhecem e os que não os conhecem; os que presenciaram suas belas ações ou ouviram falar de seu renome, os que participam em grande número de suas dores e lutas e todos os que lhes desejam felicidade; aos segundos, por sua vez, que elaboram projetos hostis, são tantos e bem mais os que odeiam, acusam, atacam, convencem de crime, envergonham, proferem mil injúrias, querem vê-los castigados e punidos.

4. E tudo isso se passa aqui na terra. Entretanto, lá em cima, que contas vão prestar? Se aquele que escandalizou a um só homem é tão severamente punido que seria melhor para ele ter uma mó amarrada ao pescoço e ser afogado no mar, pondera qual o castigo que sofrerão diante deste temível tribunal, que condenação será infligida àqueles que, na medida em que lhes foi possível, perturbaram a terra inteira, transtornaram as Igrejas, declararam guerra durante uma paz tão profunda, provocaram em toda parte mil escândalos.

5. Os que sofreram da parte deles o que sofreram virão após os mártires, os Apóstolos, os homens nobres e sublimes, ilustres por seus feitos, os sofrimentos, as coroas, as recompensas, a enorme confiança.

6. Eles haverão de ver os outros punidos e não poderão arrancá-los ao castigo, mesmo se o quiserem mil vezes; estenderão seus ramos em súplica, nada, porém, conseguirão. Se o rico que passara ao lado de um só pobre, Lázaro, sofreu tal castigo, e não encontrou alívio algum, o que não haverão de suportar os que a tantos perseguiram e escandalizaram?

7. Ao refletirdes sobre este assunto e extrairdes das Sagradas Escrituras pensamentos semelhantes, para vós abrigo seguro, e apresentardes aos mais fracos as narrativas, como outros tantos remédios, ficai firmes, inabaláveis, à espera dos bens que vos estão reservados.

8. Sem dúvida, portanto, certamente, estará guardada para vós uma recompensa, não apenas equivalente a vossos sofrimentos, mas incomparavelmente maior. Desta forma age Deus, que ama o homem. Aos que optaram por fazer ou dizer algum bem, ele há de superar mediante retribuições e recompensas.

[1](#) Cf. Rm 9,22-23.

[2](#) Rm 11,33.

[3](#) Rm 11,33.

[4](#) Rm 11,33-36.

[5](#) Rm 11,36.

[6](#) 2Cor 9,15.

[7](#) Fl 4,7.

[8](#) 1Cor 8,2.

[9](#) 1Cor 13,9-10.

[10](#) 1Cor 13,11-12.

[11](#) Rm 9,20.

[12](#) Mc 3,17.

[13](#) Jo 21,7.

[14](#) Jo 1,18.

[15](#) Jo 6,46.

[16](#) 1Cor 2,7-9.

[17](#) 1Cor 2,10.

[18](#) 1Cor 2,10-11.

[19](#) Eclo 3,22-23.

[20](#) 1Cor 4,7.

[21](#) Eclo 39,21.

[22](#) Gn 1,31.

[23](#) Gn 1,4.

[24](#) Gn 1,31.

[25](#) Gn 1,31.

[26](#) Ecl 7,2.

[27](#) Mt 7,13-14.

[28](#) Cf. Sl 19,4.

[29](#) Is 49,14-15.

[30](#) Is 49,14-15.

[31](#) Sl 103,13.

[32](#) Mt 7,9-11.

[33](#) Sl 103,11-12.

[34](#) Is 55,8-9.

[35](#) Is 55,7.

[36](#) Os 11,8.

[37](#) Os 11,8.

[38](#) Is 62,5.
[39](#) Jn 4,10-11.
[40](#) Jn 4,11.
[41](#) Is 45,11.
[42](#) Cf. Jó 38,7.
[43](#) Sl 19,5-6.
[44](#) Sl 19,6-7.
[45](#) Sl 104,24.
[46](#) Rm 8,21.
[47](#) Sl 106,2.
[48](#) Mt 10,22.
[49](#) Rm 4,19.
[50](#) Rm 4,18.
[51](#) Rm 4,19-21.
[52](#) Gn 15,5.
[53](#) Gn 22,1-2.
[54](#) Hb 11,17.
[55](#) Gn 22,11.
[56](#) Cf. Pr 7,6-27.
[57](#) Jó 40,8.
[58](#) 1Cor 11,19.
[59](#) 2Ts 2,12.
[60](#) Jo 10,33.
[61](#) Jo 5,43.
[62](#) Mt 5,3.
[63](#) Jó 31,13-15.
[64](#) Mt 5,5.
[65](#) Jó 31,31.
[66](#) Mt 5,4.
[67](#) Jó 31,33-34.
[68](#) Mt 5,6.
[69](#) Jó 29,17.
[70](#) Jó 29,14.
[71](#) Mt 5,7.
[72](#) Jó 30,25.
[73](#) Mt 5,8.
[74](#) Jó 2,3.
[75](#) Mt 5,10.
[76](#) Mt 5,11-12.
[77](#) Mt 5,44.
[78](#) Hb 12,16.
[79](#) 2Tm 1,15.
[80](#) At 20,29-30.
[81](#) 2Tm 4,14.
[82](#) 2Tm 4,15.
[83](#) Cf. Gl 2,9.
[84](#) Fl 1,12-14.
[85](#) Jo 16,33.
[86](#) Mt 10,18.
[87](#) Jo 16,2.
[88](#) Mt 27,40.
[89](#) Cf. Lc 23,40-43.
[90](#) Lc 23,42.
[91](#) 1Cor 1,23.
[92](#) 1Cor 1,24.
[93](#) Jo 15,22.
[94](#) Rm 5,8.
[95](#) Rm 5,10.
[96](#) Gl 6,14.
[97](#) Jo 17,1.

[98](#) Jo 7,39.
[99](#) Jo 3,16.
[100](#) Rm 8,32.
[101](#) Fl 2,1-3.
[102](#) Fl 2,5-8.
[103](#) Ef 5,2.
[104](#) Ef 5,25.
[105](#) Mt 16,22-23.
[106](#) Mt 24,30.
[107](#) Hb 12,1.
[108](#) Mt 14,4.
[109](#) Gn 22,12.
[110](#) Hb 10,34.
[111](#) 1Cor 11,19.
[112](#) 1Ts 2,7.
[113](#) Mt 23,2-3.
[114](#) 1Ts 3,2-3.
[115](#) 2Tm 3,8.
[116](#) Rm 5,3-4.
[117](#) 2Cor 12,9.
[118](#) 2Cor 12,9.
[119](#) Mt 14,4.